

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

LILIANE JOCHELAVICIUS

COBERTURA DE TRAGÉDIAS COM FOGO NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

CURITIBA

2019

LILIANE JOCHELAVICIUS

COBERTURA DE TRAGÉDIAS COM FOGO NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Fort.

CURITIBA

2019

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo identificar o destaque dado aos elementos fontes, valores-notícia, expressões e relatos diretos, pelo jornal Folha de S. Paulo, na cobertura de tragédias envolvendo fogo. Para isso, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de forma quantitativa e qualitativa, uma vez que nem todos os elementos destacados podem ser quantificados, pois são categorias flexíveis que se misturam ao longo do texto. A amostra foi composta pelas coberturas noticiosas dos incêndios no Edifício Andraus (SP), Edifício Joelma (SP) e Boate Kiss (RS). As primeiras coberturas analisadas deram maior ênfase às fontes testemunhais, enquanto a última apresentou equilíbrio entre fontes oficiais e testemunhais. Houve a percepção de ênfase à dramatização tanto no relato de testemunhas, quanto na percepção dos jornalistas, principalmente nos incêndios de São Paulo, mas o jornal não deixou de apresentar os outros critérios de noticiabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Incêndios; Folha de S. Paulo; Tragédias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA	9
3 O MEDO E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS	12
3.1 MEDO DE INCÊNDIO	14
3.2 TEORIAS DO JORNALISMO	16
3.3 NOTICIABILIDADE	18
3.4 RELAÇÕES EXTERNAS AO ACONTECIMENTO	21
4 VESTÍGIOS DA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA	23
4.1 FONTES JORNALÍSTICAS	28
4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO	32
4.3 PROCEDIMENTOS DA AC	33
5 ANÁLISE	37
5.1 EDIFÍCIO ANDRAUS	41
5.2 EDIFÍCIO JOELMA	47
5.3 BOATE KISS	55
5.4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Tragédias costumam ter grande apelo, pela perda material e também de pessoas. Aquelas que envolvem incêndio têm um destaque especial, pois o fogo destrói tudo. O que é inundado ou soterrado pode, em alguns casos, ser recuperado, pelo menos parcialmente. O que é consumido pelo fogo não pode ser resgatado: “[...] tudo absorvendo no caos que provoca, o fogo atrai a si os eventos e a história, porque o fogo muda tudo o que toca” (ILHARCO, 2008, p.141). A partir disso, podemos extrair que o fogo provoca a transformação dos elementos que atinge, não apenas as coisas, mas deixa uma marca na história. O que pode ser percebido nas coberturas jornalísticas de incêndios, uma vez que o jornal não apenas registra o momento, como também retoma tragédias, como um reforço dessa marca deixada na história.

Diante dessa questão, a proposta é analisar a cobertura jornalística feita pelo jornal Folha de S. Paulo dos principais incêndios, em número de vítimas, ocorridos no Brasil. Esse jornal foi escolhido por ser o de maior circulação nacional, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), no ano de 2014, que sucede o do último incêndio a ser analisado, ocorrido na boate Kiss em 2013. Embora tenham acontecido outros incêndios posteriormente, como o do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, o episódio de Santa Maria (boate Kiss) foi o último em que houve maior número de vítimas fatais.

Para definir o corpus a ser analisado no presente estudo, levou-se em consideração duas reportagens que elencaram as principais tragédias envolvendo fogo no Brasil. Foram escolhidas coberturas jornalísticas de eventos com fogo que aparecem nas duas listas, sendo que a primeira foi publicada no *site* da revista Exame, em 2013¹, e a segunda, em 2018, no G1². Ambas listam tragédias que vão do incêndio no Gran Circo Norte-Americano, em Niterói, Rio de Janeiro, em 1961, ao ocorrido na Boate Kiss em 2013. Os incêndios em patrimônios históricos não são listados nessas matérias. Embora apareçam em outras listas, não foram considerados para esse trabalho, pois representam um outro tipo de drama humano, voltado à perda de registros da história e cultura e não de vidas ou bens individuais.

¹<https://exame.abril.com.br/brasil/os-maiores-incendios-no-brasil/>

² <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/do-edificio-joelma-a-boate-kiss-veja-os-incendios-que-abalaram-o-pais.ghtml>

Os incêndios em patrimônios históricos e culturais representam um drama por trazerem uma perda ligada à memória da coletividade, enquanto aqueles que tomam vidas atingem a coletividade pelo reconhecimento da dor do outro e ideia de valorização da vida de todas as pessoas.

Essa perspectiva em relação ao patrimônio histórico é corroborada por Chagas (1995), ele considera que “o patrimônio cultural tangível é apenas representação material de conceitos ou de relações como memória, nação, cultura, identificação nacional, tradição e passado histórico que, por esta ótica, também se encontram ameaçados” (CHAGAS, 1995, p. 97).

Como incêndios podem ser considerados acidentes, ou seja, acontecimentos não intencionais, que por sua imprevisibilidade não contavam com cobertura desde o início, nem participação de repórteres no interior da construção, as pessoas envolvidas no evento são essenciais como fontes de informação. O manual de redação do jornal Folha de S. Paulo (2010) destaca que cruzar informações é importante para verificar dados e enriquecer a reportagem. Portanto, um dos procedimentos adotados na pesquisa é identificar a variação de fontes citadas em matérias jornalísticas analisadas no presente estudo. Para Pereira Junior (2010), o jornalista é testemunha do que o espectador não pode presenciar e também um verificador de informações para evitar falhas de percepção em relação ao fato relatado. De acordo com o autor, “cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público, sem enganá-lo com a falsa promessa de uma realidade ‘real’, pronta, acabada” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 70).

Em relação ao método adotado, a análise da variedade de fontes utilizadas na construção permite perceber esse processo destacado por Pereira Junior (2010). Existem os aspectos da disponibilidade e do tempo envolvidos na escolha das fontes, mas essas questões não serão analisadas, pois só poderiam ser percebidas se os jornalistas fossem interrogados e a análise será feita a partir dos textos publicados. A categorização das fontes parte da classificação proposta por Lage (2008): oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; e testemunhas experts.

Esse cuidado com a seleção das fontes tem relação com o conceito de objetividade discutido na teoria do jornalismo e revisitado por autores como Traquina (2012), Wolf (2008) e Kunczik (2002) utilizados aqui como referência. Objetividade não consiste em negar a subjetividade, mas se baseia em “procedimentos que os

membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho” (TRAQUINA, 2012, p. 141). Para definir esses procedimentos, Traquina recorre a Tuchman: verificar os dois lados de uma história, quando não há a possibilidade de checar a veracidade de um fato; apresentar provas que comprovem uma afirmação; utilizar a citação de falas de outras pessoas; e estruturar corretamente a notícia, partindo da informação mais relevante à menos relevante. (TUCHMAN, 1993, *apud* TRAQUINA, 2012).

Assim, objetividade não trata de negar a subjetividade, mas usar uma metodologia de trabalho que permita evitar as idiosincrasias de cada jornalista (PENA, 2008). Para isso o profissional procura ouvir diversas opiniões acerca de um assunto, em busca de apresentar os variados pontos de vista de forma equilibrada. Mas Pena (2008) defende que justamente isso deixou o jornalismo atual mais cheio de opiniões, para ele os jornalistas “preocupam-se mais com os comentários sobre os acontecimentos do que com os acontecimentos em si” (PENA, 2008, p. 51).

Essa ideia vai ao encontro do posicionamento de Pereira Junior (2010), de acordo com quem a tentativa de isentar o jornalista, por meio da objetividade, deu destaque para as fontes especializadas nas reportagens. Para o autor, muitas vezes, as informações repassadas ao público são especulações. Pereira Junior ainda considera as declarações das pessoas comuns que, para ele, opinam sobre assuntos que não dominam, e tem seus testemunhos selecionados aleatoriamente pelos jornalistas, que utilizam essas declarações, principalmente, para reforçar seu ponto de vista.

Nesse contexto, apresenta-se o problema da pesquisa: quais elementos noticiosos, como tipos de fontes e valores-notícia, recebem mais destaque em matérias que cobrem desastres com fogo? Foram propostas três hipóteses: (1) as fontes testemunhais são utilizadas mais como elemento de dramatização do que como uma tentativa de reconstituir o acontecimento; (2) têm mais destaque os relatos particulares do que a busca por informações que auxiliam na compreensão e contextualização do fato, com o resgate dos motivos que levaram vítimas a estarem naquele local no momento da tragédia, ou o que permitiu que parte das pessoas se salvassem; (3) em coberturas de tragédias os jornais buscam a contextualização e amplificação dos fatos a partir de outras tragédias e elementos que aproximem o leitor, mostrando como são, ou poderiam ter sido, afetados pelo acontecimento.

O objetivo geral da pesquisa é identificar o destaque dado aos elementos da análise de conteúdo: fontes, valores-notícia, expressões e relatos diretos, pelo jornal Folha de S. Paulo, na cobertura de tragédias envolvendo fogo. Os objetivos específicos do trabalho são: observar os procedimentos de produção adotados por jornalistas nas notícias de incêndio no jornal Folha de S. Paulo; comparar a cobertura dos principais incêndios ao longo do período selecionado com base nos incêndios com maior número de vítimas e maior cobertura no jornal em questão; analisar o conteúdo das notícias selecionadas com base nas categorias de análise citadas anteriormente.

O trabalho está dividido em seis capítulos, sendo esta introdução o primeiro; o segundo, destinado a apresentar a opção metodológica a ser aplicada para o desenvolvimento do estudo. O terceiro capítulo levanta questões relativas ao medo e aborda teorias do jornalismo utilizadas como base para a pesquisa, teoria organizacional e do *gatekeeper*, e os critérios de noticiabilidade que ajudam a definir categorias da análise de conteúdo. O quarto capítulo aborda as questões da objetividade e o uso das fontes de informação, sendo que estas também dão suporte à elaboração das categorias de análise, além de falar sobre a análise de conteúdo, como foram elaboradas as categorias e percepções a partir das matérias que compõem o corpus. O quinto capítulo é destinado à análise da amostra selecionada e o último é dedicado às considerações finais.

2 METODOLOGIA

Após a escolha do tema foi realizada pesquisa bibliográfica em duas etapas, a primeira para identificar o que já foi produzido anteriormente em pesquisas que analisam reportagens de incêndios. A pesquisa bibliográfica permite “identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva a notação [para que] sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico” (STUMPF, 2011, p. 51).

Nesse sentido, a segunda etapa auxiliou na definição das categorias da análise de conteúdo, como as diferentes fontes usadas nas reportagens selecionadas e a forma como a notícia foi construída. Traquina (2008) permite identificar os valores-notícia de construção: simplificação, amplificação, relevância; personalização, dramatização e consonância.

A categorização das fontes parte da classificação proposta por Lage (2008): oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; e testemunhais e *experts*. Pereira Junior (2010) destaca o peso dado às informações obtidas com as fontes em defesa da objetividade, que acaba conferindo força à opinião e reforça o ponto de vista que o jornalista pretende passar. Devido a esse posicionamento a ideia de objetividade foi também discutida, para isso foram utilizadas as obras de Schudson (2010), Wolf (2008) e Kunczik, (2002). Além da definição dos tipos de fontes e entrevistas proposto por Lage (2008), as reflexões de Pereira Junior (2009) são fundamentais para pensar a presença do personagem no texto jornalístico como forma de isentar o jornalista e na busca por humanizar o relato.

Foi realizada ainda uma pesquisa documental em publicações de veículos jornalísticos para a escolha dos acontecimentos noticiosos a serem analisados. Foram utilizadas como fontes reportagens que identificam os principais incêndios, em número de pessoas atingidas, ocorridos ao longo da história no Brasil. Os jornais não indicam um período de pesquisa. A lista preliminar contém sete acontecimentos: Gran Circo Norte-Americano (1961), no Rio de Janeiro (RJ), morreram 503 pessoas; Edifício Andraus (1972), em São Paulo (SP), deixou 330 feridos e 16 mortos; Edifício Joelma (1974), em São Paulo (SP), 345 pessoas ficaram feridas e 188 morreram; Loja Renner (1976), em Porto Alegre (RS), 60 pessoas ficaram feridas e morreram 41; Edifício Andorinha (1986), no Rio de Janeiro (RJ), 40 pessoas ficaram feridas e 23 morreram; Canecão (2001), em Belo Horizonte (MG) 300 pessoas ficaram feridas

e sete morreram; e Boate Kiss (2013), em Santa Maria (RS), 242 pessoas morreram e mais de 600 ficaram feridas. Dos incêndios listados serão analisados os ocorridos no Edifício Andraus, Edifício Joelma e Boate Kiss, porque esses acontecimentos têm uma quantidade de páginas cobrindo o evento muito superior aos outros. Os incêndios com maior cobertura foram Edifício Andraus, aparece em nove páginas, Edifício Joelma, sete páginas, e Boate Kiss, oito páginas. Enquanto Gran Circo, Canecão, Loja Renner e Edifício Andorinha, com as menores coberturas, são citados em duas páginas. Essa quantidade de páginas é referente ao primeiro dia de cobertura e inclui a capa.

Com base nos dados do IVC, o jornal Folha de S. Paulo foi escolhido por ser o jornal com maior circulação nacional, em 2014, o ano seguinte ao último incêndio a ser analisado. Não foram considerados os jornais que têm circulação apenas regional, por se tratarem de reportagens de relevância nacional.

A seleção do material para análise foi realizada a partir do arquivo digital do jornal Folha de S. Paulo. A amostra é composta pelas reportagens publicadas no primeiro dia de cobertura de cada um dos acontecimentos selecionados. Como nem todos os critérios da análise podem ser avaliados de forma quantitativa, houve também uma etapa qualitativa.

Além das categorias levantadas a partir dos autores, serão identificadas palavras que representem categorias repetidas nos títulos das reportagens ao longo do primeiro dia de cobertura de cada um dos acontecimentos, para perceber se há ênfase no uso de palavras que enfatizam essas características. A partir da identificação dos tipos de fontes consultadas pelos jornalistas, será possível perceber a variedade de opiniões e perspectivas do fato apresentadas ao leitor nos textos produzidos pelo jornal Folha de S. Paulo.

Para analisar e categorizar o que é apresentado, na segunda etapa desta pesquisa será utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Para a autora, “a linguística estabelece o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis” (BARDIN, 2011, p. 49).

O método proposto por Bardin (2011) contribui, na tentativa de compreender as ações dos jornalistas do jornal Folha de S. Paulo no momento da produção das reportagens a serem analisadas. Isso por meio da percepção dos "rastros" deixados no texto. “Amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas,

a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística." (HERSCOVITZ, 2008, p. 123). Portanto, esse será o método utilizado na análise das reportagens selecionadas, que representam momentos determinados da produção do jornal escolhido. Para a realização da análise, a autora propõe a definição de categorias. Estas foram elaboradas, a princípio, de forma preliminar, com base na pesquisa bibliográfica realizada.

As categorias foram levantadas de forma preliminar porque Bardin (2011) indica que seja feito um pré-teste da análise, somente após esse procedimento elas puderam ser definidas de forma mais assertiva. As categorias preliminares foram: fontes, valores-notícia, relato direto e expressões. A primeira delas foi dividida de acordo com os critérios de Lage (2008) e a segunda segue a estrutura proposta por Traquina (2008). A categoria relato direto inclui as observações de jornalistas em primeira pessoa ou as partes das matérias que permitem perceber que foram escritas a partir da percepção do jornalista, com base na observação direta dos acontecimentos. A categoria expressões analisa palavras, presentes nos títulos das notícias, que podem ser incluídas em categorias definidas para a análise de conteúdo, como pânico/medo; morte/corpo/morto; sobreviver/sobrevivente; fogo/incêndio; tragédia/trágico; salvar/salvamento; e comoção (dor, sofrimento, tristeza, trauma).

O pré-teste foi realizado com as primeiras notícias publicados como parte da cobertura do incêndio no Edifício Andraus. Nesse momento foi possível perceber que as categorias valores-notícias e relato direto não poderiam ser analisadas de forma quantitativa, porque elas permeiam o texto de forma flexível, não ficando restritas à espaços determinados. Em alguns momentos não é possível ter certeza se o que está escrito faz parte de observação direta do jornalista ou se foi produzido a partir de informações obtidas. Por isso foram selecionados trechos em que fica mais claro que o jornalista fala a partir do que viu. O valor-notícia de simplificação pode ser percebido ao longo do texto. Notícias que relembram incêndios anteriores ou falam do trânsito deixam claros os valores-notícia de consonância e amplificação. Mas ao longo da produção jornalística aparecem outros valores-notícia e, em alguns casos, uma frase contém mais do que um deles. Essas percepções ficam mais claras ao longo da análise realizada no quinto capítulo.

3 O MEDO E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

O medo, nesta pesquisa, está ligado aos eventuais efeitos perante o público frente às escolhas tomadas por jornalistas na construção das notícias, como resultado do enquadramento. Tendo em vista que "o enquadramento é um modo de dar alguma interpretação a itens de factos isolados. É quase inevitável que os jornalistas façam e, ao fazê-lo, deixam a pura «objectividade» e introduzem algumas tendências (mesmo não intencionais)." (MCQUAIL, 2003, p. 348). O jornal pode contribuir para a sensação de medo, de acordo com a forma como constrói a narrativa dos fatos e as escolhas das informações que compõem ou não a notícia. É o que defende Marc Augé (2016) ao afirmar que a mídia amplifica o medo.

Para Bauman (2008, p. 8), "‘medo’ é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance". Essa percepção tem ligação com o tipo de cobertura analisada, uma vez que incêndios são acontecimentos imprevistos, diante dos quais as pessoas costumam ignorar a melhor forma de agir. Essa situação fica mais clara no momento da análise de conteúdo, que permite perceber a dúvida das vítimas em relação a melhor ação a ser tomada. Como pode ser percebido em um dos relatos do incêndio no Edifício Andraus em 1972, do funcionário da Companhia Novo Mudo de Seguros, Luis Ferraz do Amaral Filho:

Dentro do edifício Andraus, ele desenvolveu o mesmo trajeto das pessoas isoladas pelo incêndio. Primeiro, tentou descer e encontrou um bloco compacto de pessoas subindo as escadas, apressadas. Tentou subir e parou logo depois, porque não era possível passar por um dos andares. Por fim, ficou como os demais, entre o 9º e o 15º, se comprimindo pela escada, a espera de socorro. (NA PRAÇA..., 1972, p. 9).

A ignorância da ameaça nos incêndios pode ser percebida em diferentes momentos, o primeiro é em relação a quando e onde irá acontecer e da possibilidade de ser atingido por ele ou não. Em relação a essa percepção há o relato de pessoas que deveriam estar no edifício, mas não estavam por algum motivo e também daquelas que são indiretamente atingidas, por trabalharem ou morarem próximo ao local. Essa situação pode ser percebida na cobertura do incêndio no Edifício Joelma: "Maria de Oliveira Dias, que, por um simples acaso não foi trabalhar pela manhã, ouviu a notícia pelo rádio e correu à R. Pedro Américo para

saber da sorte de seus companheiros." (DESESPERO..., 1974, p. 6). Ou na cobertura do incêndio no Edifício Andraus: "Marcilio Tavares, motorista autônomo que trabalhava na secção de assistência técnica da loja da Pirani, diz que saiu do edifício por volta das 15 horas. Procura desesperado por um seu tio, que possivelmente estaria no prédio." (INCÊNDIO..., 1972, p. 7).

Há ainda o leitor que não foi afetado de forma direta pelo incêndio, mas sente incerteza por não saber se será a próxima vítima. Outro fator é a hesitação de quem está no prédio em chamas, sem saber qual é a origem do fogo, que direção tomar para sair da construção, qual a melhor forma de agir e se conseguirá sobreviver. Este elemento pode ser percebido tanto no testemunho das vítimas quanto no relato do jornalista. Pode ser inclusa a dúvida das pessoas que conhecem vítimas do incêndio e não sabem se estas conseguirão sobreviver.

Todas essas questões estão permeadas pela incerteza da sobrevivência, o que é relevante uma vez que

[...] Viver é conviver com o medo da finitude não só do ponto de vista da vida biológica, mas de tudo o que construímos - obras, vínculos, sonhos, memórias -, projetos que por mais sólidos que sejam estão sempre expostos ao perigo da dissolução. (PINTO; DUNKER, 2010, p. 13)

De acordo com essa perspectiva, os incêndios têm um papel muito significativo, porque, como já mencionado, consomem aquilo que atingem, de forma que não pode ser restaurado. Se em uma inundação, talvez, algumas coisas possam ser recuperadas, o fogo diminui muito essas possibilidades ao destruir por completo o que toca.

Em relação à percepção do leitor diante dos acontecimentos, Pinto e Dunker (2010, p. 12) ressaltam que o medo "também é contagioso na medida em que expor-se ao o [sic] temor do outro nos induz a tê-lo também. Quanto maior a afinidade entre as pessoas, maior a sua circulação potencial". Por isso, é relevante identificar de que forma os acontecimentos são tratados pelo jornal, quem são as fontes, se o texto vai além do relato, na busca por identificar causas e possíveis soluções, para dessa forma aplacar o medo do leitor, diante das incertezas levantadas.

Outro fator relacionado ao que é ressaltado por Pinto e Dunker (2010) está ligado aos valores-notícia, que vão aumentar ou não a identificação dos leitores com a tragédia vivida pelas pessoas envolvidas no incêndio.

3.1 MEDO DE INCÊNDIO

Yi-Fu Tuan (2005) esclarece que o fogo nem sempre foi a principal preocupação, quando as construções eram feitas de pedra e barro e ficavam mais distantes umas das outras, o incêndio não era um perigo tão grande. Mas, durante a dinastia Sung (960-1279), o fogo já assustava os moradores das cidades Kai-feng, capital de Sung setentrional; Ch'ang-an e Hang-chou, capital de Sung meridional, por morarem em casas feitas de material altamente inflamável em lugares onde as construções ficavam aglomeradas. Os incêndios podiam consumir grandes áreas. Tuan (2005) faz referência a Gernet para falar da publicidade conferida a esses casos:

O pânico era comum. Um édito imperial proibia rumores sobre incêndio e informações alarmantes de incidentes ocorridos. O terror de incêndio encontrava consolação na superstição. Assim, quando o fogo irrompeu não muito depois que uma baleia foi encontrada encalhada perto de Hang-chou em 1282, o povo procurou ligar os dois fatos. Templos foram dedicados aos deuses do rio e aos reis dragões na esperança de que essas divindades da água pudessem proteger a capital dessa calamidade. O fogo era símbolo de raiva e ferocidade. Nos templos que atendiam às crendices do povo, as ferozes divindades budistas eram representadas com halos bordejados com chamas. (TUAN, 2005, p. 246)

É possível perceber que nesse período já havia preocupação com a difusão de informações sobre incêndios, em vista do pânico enfrentado diante dessa possibilidade. Proteção e respostas foram procuradas na superstição e o fogo era visto como representação de violência. Cabe lembrar a consideração de Ilharco sobre esse elemento "[...] atraindo a atenção dos media, porque, queimando, destruindo, arrasando, matando, exterminando, deitando por terra, o fogo traz o medo, a ansiedade e o terror a qualquer um menos aos media, a quem traz audiências" (ILHARCO, 2008, p.141). O autor destaca o fogo como causa de medo entre os espectadores, mas como fonte de audiência aos meios de comunicação. Portanto, é relevante a percepção do tratamento dado pelo jornal ao assunto, de forma a equilibrar a busca pela audiência com o atendimento das necessidades do público, entre elas, aplacar o medo e a incerteza, em lugar de estimulá-los, como era o objetivo do édito imperial.

Tuan (2005) destaca que apesar das melhores condições das construções, na primeira década do século XVIII o perigo de incêndio aumentava, assim como as cidades se tornavam mais povoadas. O autor salienta ainda que esse medo não ficou no passado e mais uma vez percebemos a presença da imprensa. "[...] Quando eclode ocasionalmente um grande desastre, tomamos conhecimento pelos jornais da manhã de que fumaça e chamas engoliram um teatro ou clube, queimando e matando seus apavorados clientes" (TUAN, 2005, p. 249).

Em relação a essa colocação, é relevante a análise de Pinto e Dunker (2010) de que o medo da perda esteja ligado à finitude da vida ou da memória e do patrimônio e presente ao longo de toda a vida, já para Bauman (2008, p. 73) "[...] o medo primal da morte talvez seja o protótipo ou arquétipo de todos os medos – o medo definitivo de que todos os outros extraem seu significado". O autor ressalta o fato de que todos os outros casos de impotência poderiam ser curados, menos o da morte. Irreversível, ela é o desconhecido impossível de se conhecer. Para o autor, "[...] independentemente do que tenhamos feito como preparação para a morte, ela nos encontra despreparados" (BAUMAN, 2008, p. 45).

Diante disso, a morte acaba por receber destaque na vida das pessoas, justamente por configurar a raiz de todos os medos. Essa presença pode ser percebida mesmo nos valores-notícia, pois ela configura entre aqueles de seleção. Essa relevância pode ser percebida nas manchetes que contam os números de vítimas, a quantidade de vidas que encontraram seu fim. Para Delumeau (1989, p. 23), "[...] o medo individual é uma emoção choque, freqüentemente percebida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação". As notícias de mortes causadas por incêndios são a tomada de consciência desses perigos, que atingem a outros como nós, pela proximidade geográfica ou de atividade, alguém que passeava ou vivia um momento de descontração.

Diante desses aspectos que provocam o medo, conhecer os mecanismos de produção da notícia e como estão presentes nas notícias publicadas em jornal de grande circulação permite perceber de que forma esses fatos são entregues ao leitor e, portanto, estimulam a sensação de medo ou procuram aplacar a percepção de impotência com informações que contribuam para a sua conservação. As teorias do jornalismo fornecem elementos relevantes para a elaboração das categorias de

análise, para então poder identificar os procedimentos e escolhas tomadas na construção das notícias analisadas.

3.2 TEORIAS DO JORNALISMO

Tendo em vista que este trabalho de conclusão de curso pretende analisar reportagens publicadas em jornal, é considerado relevante pensar algumas teorias que envolvem a produção jornalística. As teorias do *Gatekeeper* e Organizacional ajudam a compreender influências que levam o produto final (que será analisado) a ser como é. Esses estudos também ajudam a compreender um pouco sobre as escolhas feitas pelos jornalistas durante o processo de seleção e produção de notícia, parte dessas decisões ficam impressas no texto e tentaremos identificar nessa pesquisa.

A primeira teoria, do *Gatekeeper*, foi proposta por David Manning White, em 1950, com base em estudo de dinâmicas sociais de Kurt Lewin, desenvolvido três anos antes. Essa teoria se baseia na tomada de decisões do editor, em relação à grande quantidade de notícias recebidas de agências, para decidir o que entra ou não na edição do jornal (PENA, 2008; WOLF, 2008). Para Wolf (2008) esse estudo permite identificar como é realizada a seleção quantitativa e qualitativa, diante do fato de que apenas uma a cada dez notícias recebidas pelo Mr. Gates (nome fictício dado por White ao editor de quem acompanhou o trabalho) é publicada no jornal.

Embora no estudo do *Gatekeeper* as tomadas de decisões estejam centradas em um sujeito, também é chamada de teoria da ação pessoal, algumas “pesquisas posteriores também confirmaram que, na seleção e no filtro das notícias, as normas ocupacionais, profissionais e organizacionais parecem mais fortes do que as preferências pessoais” (WOLF, 2008, p. 185). Mesmo sendo escolhas individuais, na tomada da decisão o profissional considera o seu entorno e as normas da profissão.

Embora o trabalho de White tenha colaborado para identificar onde a ação de filtro ocorre de forma mais visível, posteriormente é superado “[...] o caráter individualista da atividade do *gatekeeper*, acentuando, em particular, a idéia da seleção como processo ordenado hierarquicamente e ligado a uma rede de *feedback*” (WOLF, 2008, p. 186). Ou seja, ainda que a tomada de decisão seja feita

por um sujeito, as relações sociais vão, ainda que de forma indireta, exercer certa influência sobre sua decisão final.

Nessa superação da ação individual entra a Teoria Organizacional, que destaca o fato de a produção jornalística estar submetida a uma estrutura empresarial, dentro da qual o objetivo é o lucro, pois o prejuízo levaria ao fechamento da organização jornalística (PENA, 2008).

Essa passagem fica clara em Vizeu (2002): ele relata que o *gatekeeper* esteve muito presente nas décadas de 1950 e 1960 nos estudos do jornalismo, retornando nos anos 1990, com menor força. Durante a primeira década dos estudos do *gatekeeper*, o autor identifica que as pesquisas são essencialmente quantitativas, tendo como metodologia dominante a análise de conteúdo. A primeira abordagem claramente sociológica aparece em 1955 e “[...] amplia a perspectiva que começou com White, sublinhando o peso dos constrangimentos organizacionais no trabalho jornalístico, abrindo, assim, uma nova abordagem, que só iria ganhar um papel importante no jornalismo dos anos 70” (VIZEU, 2002, p. 3).

Dentro da Teoria Organizacional, Pena (2008) ressalta que os jornalistas serão incentivados a adotar determinada postura de forma a contribuir para o bom desempenho da empresa e manter o lucro. Esse incentivo pode não ser explícito, mas exercido por meio de uma série de sanções ou incentivos como, por exemplo, ao escolher qual dos jornalistas fará a matéria de capa, ou se os textos serão assinados ou não. Essas decisões são tomadas de forma hierárquica dentro das organizações, por isso são constrangimentos exercidos de forma velada. Dentro dessa lógica o próprio jornalista busca seguir as normas, para que possa se destacar.

Pena (2008) ainda ressalta, com base em Breed, uma série de questões que o jornalista considera em relação ao ambiente de trabalho, até mesmo a estima que tem pela profissão ou pelos chefes. No entanto, justamente pela falta de exatidão nas regras, os jornalistas encontram brechas para poderem expressar suas próprias opiniões, ainda de acordo com Pena (2008). Nesse contexto Kunczik (2002) destaca o controle social exercido entre os próprios jornalistas que lêem os textos uns dos outros e fazem comentários, além de acompanhar o trabalho de outros profissionais pela mídia. Essas atitudes também gerariam um controle social, por saber que outros lerão e avaliarão os textos dele e também pelo fato de os jornalistas se pautarem na produção de seus pares.

3.3 NOTICIABILIDADE

Embora as questões da rotina produtiva não sejam analisadas aqui, elas interferem no resultado final do trabalho do jornalista e por isso são levantadas.

O que procura estabelecer alguma norma à produção, sem que ela fique exclusivamente no campo subjetivo, de acordo com Wolf (2008), é a noticiabilidade. Para o autor, é possível dizer que ela

[...] corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informações enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2008, p. 195).

Kunczik (2002) considera que “os valores informativos nada mais são que as suposições intuitivas dos jornalistas com referência àquilo que interessa a um público determinado, àquilo que chama a sua atenção” (KUNCZIK, 2002, p. 243). Por outro lado, Wolf (2008) coloca os valores-notícia como integrantes da noticiabilidade, atuando ao longo de todo o processo de produção, não apenas na seleção. O autor diz que os valores-notícia permitem a repetição e justificativa das escolhas dos jornalistas, mesmo após a publicação das notícias. Por isso, esses valores constituem um dos pontos de análise nas reportagens selecionadas nesse trabalho.

Wolf (2008) destaca que, embora sejam apresentados em lista, os valores-notícia funcionam em relação uns com os outros, não de forma isolada. Um acontecimento pode conter diversos valores-notícia. É importante destacar também que, para o autor os valores-notícia não são fixos, e podem se alterar ao longo do tempo, ele os divide entre critérios: substantivos; relativos ao produto; relativos ao meio; relativos ao público; e relativos à concorrência.

Três diferentes momentos da história são apresentados por Traquina (2008), para mostrar como os valores-notícia variaram pouco ao longo de quase 400 anos de história.

É surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como ao atual, ao legal como ao ilegal, à paz como à guerra, ao bem-estar

como à calamidade e à morte? (STEPHENS, 1988, p. 34, *apud* TRAQUINA, 2008, p. 69)

Traquina (2008) apresenta o estudo de Galtung e Rue (1965/1993) como o primeiro a tentar identificar os valores-notícias de forma sistemática. O autor destaca e analisa ainda a pesquisa de Ericson, Baranek e Chan (1987). Após citar mais autores que também fizeram estudos de valores-notícia, entre eles Wolf (1987), Traquina (2008) destaca que foi esse último quem propôs a divisão dos valores-notícia de seleção e de construção utilizada na lista por ele apresentada. Os valores-notícia de seleção não serão analisados, pois o próprio objeto exclui essa etapa, além do fato de critérios como dia noticioso não poderem ser percebidos com precisão sem acompanhar a rotina dos jornalistas, que fizeram a cobertura.

Assim, Wolf (2008) define os valores de seleção como os que conferem ao fato relevância para se tornar notícia, mas os critérios de noticiabilidade de forma geral estão presentes em todo o processo de produção da notícia. Para Wolf (2008), os valores-notícia “estão presentes não apenas na seleção das notícias, mas também permeiam os procedimentos posteriores, porém com uma importância diferente” (WOLF, 2008, p. 202).

É possível perceber a presença de alguns valores-notícia de seleção nas reportagens que compõe a amostra. Embora valores de seleção como dia noticioso não possam ser identificados pelo formato de pesquisa proposto, ele não seria relevante, pois os acontecimentos selecionados são ricos em outros valores-notícia dessa categoria. Outro fator relevante, é que são fatos com uma estrutura muito semelhante de valores-notícia desse tipo, sendo assim, não serviriam como um fator de comparação. Os critérios substantivos são definidos por Wolf (2008) como aqueles que determinam a importância e o interesse das notícias.

Os valores-notícia de seleção substantivos elencados por Traquina (2008) são: morte; notoriedade, relacionada com a celebridade ou importância hierárquica dos envolvidos no fato que vira notícia; proximidade, referente à distância geográfica e cultural; relevância, o quanto o acontecimento impacta a vida das pessoas ou do país; novidade, grande interesse pela primeira vez e sensibilidade à última, para voltar a falar de um assunto precisa haver algo novo; tempo, primeiro para atualizar algo passado com um acontecimento presente, segundo como efeméride, quando um evento faz “aniversário”, ou seja, o próprio tempo justifica a retomada do assunto; notabilidade está ligada aquilo que é tangível, o acontecimento, e não

problemáticas, este valor encontra subdivisões como quantidade de pessoas atingidas, importância das pessoas afetadas, o quanto o acontecimento foge da normalidade, as falhas que causam acidentes e os excessos ou a escassez; o inesperado; o conflito ou controvérsia; infração; e escândalo.

Alguns desses valores, destaca Traquina (2008, p. 86), “ajudam eles próprios a construir a sociedade como ‘consenso’. [...] Sem esse conhecimento consensual de fundo, nem os jornalistas nem os leitores poderiam reconhecer o primeiro plano das notícias”. Ou seja, os valores-notícia estão naquilo que foge do que foi definido como regra pela sociedade.

Ainda há os valores-notícia de seleção contextuais, que incluem duas categorias definidas por Wolf (2008), os critérios relativos ao produto, relacionados ao material disponível para publicação e as questões relativas a mídia usada e espaço disponível para publicação; e os critérios relativos ao meio, relacionados a qualidade do material a ser apresentado ao receptor, como imagens e entrevistas. Nessa segunda categoria, Wolf (2008) também inclui aqueles aspectos relativos ao público, o que vai despertar o seu interesse.

A divisão organizada por Traquina (2008) inclui: disponibilidade e facilidade de cobertura; equilíbrio, a frequência com que um assunto foi noticiado em um curto espaço de tempo; visualidade (especialmente para televisão), se há fotografias ou filmes e qual a qualidade deles; concorrência, está ligado à exclusividade da publicação da notícia; e dia noticioso, quando há um dia com poucos acontecimentos relevantes do ponto de vista jornalístico, aqueles com pouco valor-notícia podem acabar sendo publicados, sendo que normalmente não seriam incluídos no jornal, ou não com tanto destaque.

Os valores-notícia centrais para a análise proposta nessa monografia são os de construção que se referem aos “[...] elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 91). Em sua categorização, Wolf (2008) identifica esses valores como critérios relativos ao público e relativos à concorrência. A divisão proposta por Traquina (2008) é: simplificação, deixar a notícia fácil de ser compreendida pelo receptor, sem informações ambíguas; amplificação, apresentar o fato da forma mais abrangente possível, quanto mais pessoas afetar, melhor; relevância, mostrar que o fato tem importância para as pessoas, de que forma ele afeta suas vidas; personalização, dar

destaque às pessoas envolvidas; dramatização, reforçar os conflitos e o lado emocional dos fatos; e consonância, inserir a notícia em um contexto já conhecido.

3.4 RELAÇÕES EXTERNAS AO ACONTECIMENTO

É necessário ainda perceber se, dentro do contexto apresentado, as notícias não se aproximam mais do *fait-divers* (fatos variados) do que aproveitam a tragédia como gancho para falar de assuntos relevantes, como a prevenção de futuros incêndios. Extrapolar as relações internas ao acontecimento é relevante na construção de notícias acerca de tragédias para evitar que sejam assim definidas.

O *fait-divers* se caracteriza pela “notícia que desperta interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário do curso cotidiano das (sic) acontecimentos. Assim, o crime passional, a briga de rua, o atropelamento, o assalto são *fait-divers*” (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 296). Os autores ainda associam os fatos diversos com as notícias sensacionalistas e jornais popularescos, mas essa não é uma definição generalizada entre eles. Lage (2006) destaca que o *fait-divers* se refere, a princípio, à notícia que é notável, mas não se insere em nenhum campo do conhecimento já definido. Entretanto é possível perceber ainda que esse tipo de produção se estrutura de modo que “[...] como um conto, não depende de nada exterior, nem passado, e é inconseqüente. Qualquer interpretação – sociológica, psicanalítica – que venha a ser feita de um *fait divers* será exercício inteiramente desligado do consumo da notícia” (LAGE, 2006, p. 59).

Morin (1975) considera que a abordagem romanesca da imprensa ganha força no século XX com os veículos de massa, embora já estivesse presente nos jornais desde o século anterior. Nesse momento passam a ser privilegiados no campo da informação, aqueles temas antes próprios do cinema, como a aventura e a vida privada. Para Ramonet (1999), a televisão influenciou a produção do jornal, que passa a ter uma comunicação mais superficial. A televisão criou uma nova forma de comunicar na qual a imagem tem muita importância.

Essa visão de Ramonet (1999) de que agora as informações devem ser de consumo rápido e fácil, além de serem divertidas, vai ao encontro do que fala Morin a respeito dos fatos variados, que devem privilegiar a situação, “e é a partir de situações-chave que os personagens afetivamente significativos são vedetizados”

(MORIN, 1975, p. 86). Essa última colocação do autor pode ser investigada com a identificação das fontes apresentadas pelas reportagens e o conteúdo do texto.

Além das questões levantadas, cabe ressaltar que

O estudo das relações interiores do *fait divers* permite compreender por que a morte de 50 crianças no incêndio de um circo causa mais impacto do que a morte de 500 mil crianças, de fome, em um ano. No circo, as mortes ocorrerem (sic) de uma só vez, e são tragicamente marcadas pela expectativa de divertimento que atraiu os meninos ao espetáculo. Assim como no caso do homem que é atropelado e morto logo após ter alta do hospital onde sofrera transplante cardíaco, ocorre situação de *cúmulo* – contradição entre o que se espera e o que acontece. (LAGE, 2006, p. 59-60).

Essas características ajudam a identificar a seleção das notícias a serem analisadas, além de estarem presentes nas histórias de alguns personagens apresentadas nos jornais. Nesse ponto, é utilizada a personificação das histórias, são apresentados personagens e as fontes de informação, que fornecem aos jornalistas os dados necessários para contar essas histórias, questões levantadas por Morin (1975) e Lage (2006). Portanto o próximo capítulo trata das questões relativas à objetividade e o uso das fontes e entrevistas na produção de notícias.

4 VESTÍGIOS DA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

Michael Schudson (2010) retoma a história do jornalismo, a partir da realidade da produção de notícias nos Estados Unidos, para mostrar que nem sempre houve a crença na objetividade que hoje é exigida de jornalistas por parte dos públicos e por eles mesmos, embora não seja um consenso entre todos.

Com relação ao conceito de objetividade, Kunczik ressalta que “dada a imprecisão da definição do termo, qualquer órgão editorial poderia ser acusado de falta de objetividade ou de ser incapaz de reconhecer a verdade e transmiti-la apropriadamente” (KUNCZIK, 2002, p. 229). Ainda assim, ambos os autores destacam a presença da acusação de falta de objetividade em relação aos jornais, além de ser motivo para debates em relação à comunicação.

O próprio conceito de objetividade mudou ao longo do tempo, é o que demonstra Schudson (2010). Uma das questões levantadas pelo autor é o surgimento da Associated Press, formada por um grupo de jornais em Nova York, que aproveitava a rapidez de transmissão de informações por telégrafo, para fazer a distribuição de notícias para diferentes jornais. Para que as notícias pudessem ser utilizadas por veículos com diferentes posições políticas elas precisavam ser objetivas.

Esse fator ainda não é considerado por Schudson (2010) como a origem da objetividade, pois o *New York Times* apresentava uma abordagem diferente das notícias e teve um grande crescimento no período. Entretanto o autor considera que mesmo os jornalistas desse veículo, no início do século XX, não costumavam identificar uma diferença entre fatos e valores, o que representaria a objetividade na época. Essa crença nos fatos é colocada por Schudson (2010) como uma ingenuidade, que é alterada pela I Guerra Mundial. Essa passagem da história mostra que a percepção do mundo é subjetiva.

O conceito de objetividade vinda do início do século passado se alterou, de acordo com Schudson (2010), em 1920 e 1930, em consequência da percepção de que a realidade é uma construção social, a partir da percepção que as pessoas têm do mundo. Com isso, foram instituídos novos gêneros de reportagem subjetiva. A subjetividade foi reconhecida como elemento das reportagens e os textos (notícias ou artigos) assinados passaram a ser mais frequentes, identificou Schudson (2010). Outra medida foi a especialização, pois conhecendo melhor o tema, o jornalista

poderia ser um crítico das fontes. O autor considera importante o aumento das "reportagens interpretativas", diferentes produções que incluíam resenhas de notícias "[...] a ideia é a de que a guerra, a depressão e o New Deal tornaram as questões políticas, econômicas e sociais tão complicadas que forçaram o jornalismo a enfatizar 'o significado' da notícia e o contexto dos eventos." (SCHUDSON, 2010, p. 174). A objetividade passou a ser a checagem da visão de mundo das pessoas, a partir de uma série de procedimentos pré-estabelecidos. Ou seja, a partir desse momento as afirmações de uma pessoa sobre o mundo precisam ser validadas consensualmente, para então serem consideradas fatos.

Para Schudson (2010), a objetividade pode ser identificada como ideologia (desmascarar ou exaltar a profissão) ou como ciência (aquilo que é verdadeiro, caminho mais adequado para o conhecimento). O que mais interessa ao autor são "as razões pelas quais a *ideia* da ciência e o *ideal* da objetividade são tão ressonantes em nossa cultura" (SCHUDSON, 2010, p. 18).

Assim, o autor questiona a existência da objetividade no jornalismo, que ao contrário de outras profissões não possui aspecto algum que garanta a presença dessa premissa. Na década de 1960 a ideia de objetividade no jornalismo volta a ser questionada "porque a reportagem 'objetiva' reproduzia uma visão da realidade social que se recusava a examinar as estruturas básicas do poder e do privilégio. [...] Representava uma convivência com instituições cuja legitimidade fora contestada" (SCHUDSON, 2010, p. 188).

Kunczik (2002) diferencia a objetividade dos conceitos de imparcialidade ou equilíbrio, que coloca como pertencentes à esfera da opinião pública, baseada em uma avaliação global do jornal. O autor considera que a objetividade, tão relevante para o jornalismo nos Estados Unidos, se baseia na ideia de que é possível produzir notícias de forma que os leitores possam chegar a suas próprias conclusões em relação ao que é apresentado. "A reportagem objetiva é entendida como desapaixonada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentos e conforme a realidade" (KUNCZIK, 2002, p. 227).

Quando Kunczik (2002) se refere a pesquisas feitas nas redações alemãs, demonstra que os profissionais que estão mais distantes do trabalho diário nas redações acreditam mais na objetividade do que aqueles que estão envolvidos na produção direta das notícias. Para o autor, o conceito de objetividade no jornalismo pode ser o mesmo daquele usado no procedimento científico, que pode ser

verificado de forma intersubjetiva. “Essa definição faz da objetividade uma marca da investigação profissional sempre e quando se procura separar notícia de comentário de modo desapassionado, imparcial e não manipulador” (KUNCZIK, 2002, p. 230).

Pereira Junior (2009) relaciona a presença da objetividade com a condição da indústria, quando o jornalismo passa a custar caro e depender de anunciantes para que a empresa se mantenha operante. “Para não afastar leitores, jornais tendem a atenuar posições, mascarar preferências, criar parâmetros equilibrados de julgamento, tornar-se confiáveis testemunhas dos fatos” (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 53). Mas o próprio autor destaca que esse ideal está em risco em todas as etapas (apuração, apresentação e edição) de produção da notícia. Pereira Junior (2009) aponta que ao se falar de objetividade, as regras se concentram na forma de escrever; entretanto, ao selecionar ou não determinadas notícias ou dados para serem apresentados acerca de um determinado fato a objetividade já é posta em risco.

Diante dessa necessidade de parecer objetivo sem que exista um procedimento que garante essa neutralidade, Pereira Junior (2009) considera que ocorre “[...] um pacto de leitura que produz um efeito de real, porque esconde o arbitrário das escolhas que lhe dão origem, tenta dar conta de uma expectativa de objetividade construída pela relação entre veículo e público” (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 56). Esse posicionamento leva à questão do uso das fontes como recurso à objetividade.

O jornalista é, na visão de Kunczik (2002), dependente da elite, pois é para ela que produz a informação e acaba sendo ela sua principal fonte de informação. Como é essa classe que mantém os jornais, o que é publicado deve ser do seu agrado. Por esse motivo, é necessário criar medidas que protejam o jornalista dessa pressão, uma delas é a objetividade da cobertura, de acordo com o autor. Para isso, são utilizadas apenas fontes de informação confiáveis, identifica Kunczik (2002): “busca-se a ‘objetividade’ ou a ‘neutralidade’ citando-se tanto defensores como adversários de uma mesma questão” (KUNCZIK, 2002, p. 261).

Breed (2016) identifica formas de escolher lados ao conferir destaque a informações que estão de acordo com a orientação política do jornal e deixar as informações contrárias em espaços menos privilegiados: “[...] a ‘parcialidade’ não significa necessariamente prevaricação. Pelo contrário, envolve a omissão, a seleção diferencial, ou a colocação preferencial”. (BREED, 2016, p. 214). Para o

autor há dois tipos de normas profissionais, as técnicas e as éticas. As primeiras envolvem o processo operacional de investigação e produção do texto. As normas éticas estão ligadas ao compromisso do jornalista com o público e com a profissão, "incluem ideias como a responsabilidade, a imparcialidade, a exatidão, o fair play e a objetividade" (BREED, 2016, p. 214).

Assim, a parcialidade faz parte do processo jornalístico inserido em uma lógica organizacional. Tuchmann (2016) segue a mesma lógica quando fala do jornalista como um profissional que faz "conjecturas", por saber que seu trabalho passa por uma hierarquia de profissionais. Portanto, para a autora (2016), durante a produção da notícia o jornalista pensa nas vontades e preferências dos seus superiores e estes sobre as preferências de seus chefes em uma cadeia até o proprietário da organização.

Nesse contexto a objetividade é uma proteção ao repórter que a utiliza como defesa. Tuchmann (2016) acredita que o jornalista é responsável pela exatidão dos fatos narrados, estes serão lidos por dois leitores: o comum e o "interessado", o segundo é o citado na reportagem e pode instaurar um processo se sentir que sua reputação ou negócio foram abalados pela imprecisão do jornalista. Como o jornal é composto de muitas notícias, os perigos são muitos e podem afetar tanto a reputação do jornalista quanto os lucros da organização. Essa ideia de objetividade está ligada a procedimentos adotados pelos jornalistas. A autora identifica a verificação dos fatos e mais quatro procedimentos: a apresentação de possibilidades conflituais, a apresentação de provas auxiliares, o uso judicioso das aspas e a estruturação da informação numa sequência apropriada.

O primeiro procedimento apresentado por Tuchmann (2016) representa uma alternativa à impossibilidade de verificar a veracidade de todas as afirmações, nem todos os fatos são verificáveis. Nesse caso, se o jornalista publicar o que a fonte diz pode ser acusado de parcialidade, então precisa encontrar outra fonte que corrobore a afirmação. Se encontrar alguém que diga algo diferente e publicar as duas versões poderá alegar que foi objetivo. Esse procedimento permitiria ainda ao leitor decidir quem fala a verdade.

[...] De fato, o convite à percepção seletiva é mais insistente, pois cada versão da realidade reclama a mesma validade potencial. Visto que a "objetividade" pode ser definida como "prioridade aos objetivos externos ao pensamento" e "objetivo" como "aquilo que pertence ao objeto de pensamento e não ao sujeito que pensa" (ambas definições de dicionário),

seria difícil de afirmar - como os jornalistas fazem - que a apresentação de possibilidades conflituais fomenta a objetividade" (TUCHMANN, 2016, p. 118-119).

No entanto, há situações em que o jornalista consegue apresentar provas auxiliares, segundo procedimento identificado pela autora. Esse conceito segue o princípio de que o jornalista não pode "falar pelos fatos" e quando tenta fazer isso recebem críticas de editores e esses dos jornalistas quando o fazem. De acordo com esse procedimento, os jornalistas apresentam fatos que comprovem um juízo de valor emitido por eles na reportagem.

O terceiro procedimento destacado pela pesquisadora é o uso judicioso das aspas, no qual a prova suplementar é a apresentação da opinião de outras pessoas. Esse método, para a autora, permite que o jornalista insira sua opinião no texto, ao publicar a fala de uma fonte que diga o que ele gostaria de declarar. Assim, ele alega objetividade e fica protegido de possíveis sanções de seus superiores na organização, se estes tiverem uma opinião contrária à sua. Outro uso para as aspas, é colocar em questão a expressão utilizada, para dizer, por exemplo, que um determinado grupo se intitula daquela forma, ou denomina daquela maneira os seus atos sem, contudo, legitimar um movimento.

A estruturação da informação numa sequência apropriada, quarto procedimento proposto pela autora, segue o conceito de pirâmide invertida, na qual as informações mais relevantes devem ser apresentadas primeiro. Em comparação às outras estratégias apresentadas, essa é considerada pela autora a mais problemática, pois depende claramente da tomada de decisão do jornalista, sem que ele possa atribuir a estrutura do texto a outra pessoa. Assim, o primeiro parágrafo de uma notícia se ocuparia dos fatos materiais da notícia, mas editores e repórteres podem ter opiniões diferentes em relação a o que merece esse status. Essa escolha precisaria ser validada pelo *news judgement*:

A invocação do *news judgement* (perspicácia profissional) é uma atitude inerentemente defensiva, pois o *news judgement* é a capacidade de escolher "objetivamente" de (sic) entre "fatos" concorrentes para decidir quais os "fatos" que são mais "importantes" ou "interessantes". "Importantes" e "interessantes" denotam conteúdo. Por outras palavras, ao discutir a estruturação da informação, o jornalista deve relatar as suas noções de conteúdo "importante" ou "interessante". (TUCHMANN, 2016, p. 122).

É diante dessa necessidade de escolha destacada pela autora que o jornalista fica desprotegido, não podendo atribuir a outro o julgamento de relevância e, portanto, revelando uma preferência individual. Aqui, é possível retomar o que a autora identifica como "conjecturas" dos trabalhadores da organização que atuam em todas as etapas da produção e publicação da notícia, para entender o que desejam seus superiores. Tuchmann (2016) ainda acrescenta como procedimento de objetividade o uso de rótulo "notícia de análise" para diferenciar as opiniões dos fatos.

4.1 FONTES JORNALÍSTICAS

Em meio às questões levantadas em torno da objetividade, Pereira Junior (2009) coloca o uso das fontes como subterfúgio para isentar o jornalista pelas percepções extraídas das matérias, o que é considerado pelo autor como um dos "efeitos colaterais" dessa ideologia. "Liberado da tarefa de analisar as situações que cobre, ajudou a colocar no centro da apuração a fonte especializada, o assessor de imprensa, o técnico, a autoridade, tudo e todos com credencial, referência de pesquisa ou dado com casca científica" (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 93). Pereira Junior (2009) destaca ainda que as informações obtidas nem sempre são consistentes.

Entretanto, o uso das fontes não serve unicamente a esse propósito. Wolf (2008) considera que as fontes influenciam diretamente na qualidade da informação apresentada pelos jornais, e as divide em duas categorias: fontes verdadeiras e agências de informação. Este segundo tipo é um produtor de notícia e, portanto, encontra-se em um outro nível na produção da informação. Para o autor, os tipos de fontes são definidos a partir de suas relações com os veículos de informação e a instituição que vira notícia.

Lage (2008) destaca que as fontes servem como testemunhos de fatos que os próprios jornalistas não puderam presenciar, para relatar nas notícias. Essa percepção é essencial para a pesquisa, uma vez que analisa coberturas de acontecimentos imprevistos, que portanto não contaram com a presença do jornalista a partir do primeiro instante e, em geral, mesmo que presente, o profissional vai acompanhar o ocorrido apenas externamente, sem poder saber o que se passou do lado de dentro se não pelos relatos de fontes testemunhais

vítimas ou equipe de socorro. Isso se deve a dois motivos, nos incêndios analisados. Nos dois primeiros, ninguém podia entrar nos edifícios devido aos perigos e mesmo os bombeiros tinham dificuldade para chegar até as vítimas. No último incêndio, na Boate Kiss, talvez devido à distância, a cobertura parece um pouco mais afastada do incêndio e mais ligada às consequências do acontecimento. De qualquer forma, em um ambiente no qual as pessoas são pisoteadas na tentativa de fuga, com menos espaço para abandono de área do que o necessário, além da fumaça tóxica, não é prudente que alguém entre na construção apenas para registrar o acontecimento colocando a própria vida em risco e dificultando o salvamento de vítimas. Esses elementos ficam claros nas coberturas quando mesmo um pai desesperado é impedido pelos oficiais de entrar no prédio em busca da filha, (NA PRAÇA..., 1972, p. 9), ou na informação sobre o incêndio de 2013 de que "para atingir os fundos da boate em busca de sobreviventes, os bombeiros tiveram de transpor corpos amontoados." (BANHEIROS..., 2013, p. C3).

As fontes são, portanto, essenciais na tentativa de relatar uma maior variedade de aspectos do acontecimento, uma vez que o jornalista tem um ponto de vista específico do fato, que é daquilo que ele pode ver. As fontes testemunhais, oficiais e *experts* fornecem outras informações que ajudam a complementar o quadro dos acontecimentos. Assim, a escolha das fontes é um aspecto relevante para a análise proposta. Entretanto, essa não é a única função para Pereira Junior (2009), elas também humanizam a produção jornalística. Esse processo, de acordo com o autor, não se dá apenas pelo encontro de figuras ímpares, ou na ênfase dada aos fatos inesperados que marcaram o personagem, mas sim em evitar estereotipar a pessoa ou o fato.

A classificação de fontes escolhida para elaborar as categorias da Análise de Conteúdo desta pesquisa foram as propostas por Lage (2008): oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; e testemunhas e *experts*. As fontes oficiais são aquelas mantidas ou que representem algum poder de Estado e as organizações. As fontes oficiosas são ligadas a uma pessoa ou instituição, entretanto não falam oficialmente em seu nome, geralmente não são identificadas pois fornecem informações que as organizações a que pertencem não gostariam que fossem divulgadas. O alerta em relação a essas fontes que não desejam ser identificadas vai ao encontro da visão de Kunczik (2002), que considera que "isso envolve, no entanto, o grande risco de que os jornalistas sejam manipulados pelas

informações que enviam para servir a determinados interesses” (KUNCZIK, 2002, p. 261).

As fontes independentes não estão ligadas a uma relação de poder ou interesse, são as Organizações Não Governamentais (ONGs). Lage (2008) considera que os funcionários das ONGs são, em geral, militantes e, por isso, defendem de forma muito apaixonada suas causas. Conseqüentemente, não são muito confiáveis. É importante destacar que em todos os casos o autor ressalta que as fontes podem omitir informações ou podem basear seus relatos em interesse pessoal, ou da instituição.

Também há a divisão em fontes primárias e secundárias de acordo com Lage (2008), que considera as do primeiro tipo aquelas que fornecem as informações essenciais de uma matéria: fatos, versões e números. As fontes secundárias fornecem as informações gerais para uma matéria, utilizadas para a construção da pauta, fornecem o contexto do assunto a ser tratado. Assim, as fontes oficiais podem ser as fontes secundárias de uma notícia porque, de acordo com o autor, fornecem dados que auxiliam a confrontar informações recebidas por outras fontes.

Os *experts* são fontes procuradas para interpretar fatos, eles ajudam a entender as informações sobre as quais o jornalista não tem domínio, ainda de acordo com Lage (2008). O autor destaca outro ponto relevante em relação às fontes, “de modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa” (LAGE, 2008, p. 67). Por isso Lage (2008) ressalta o princípio de confiar no que há em comum no relato de três fontes diferentes que não se conhecem, pois há mais chances de encontrar aí a verdade.

Quanto à separação dos tipos de entrevista, Lage (2008) propõe quatro tipos diferentes: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Para essa pesquisa tem relevância apenas a testemunhal, quando o entrevistado fala de algo de que participou ou presenciou. Esse tipo de entrevista é essencial para a reconstituição do acontecimento e contém impressões subjetivas. O outro tipo de entrevista a ser identificado nessa pesquisa é a temática, na qual é abordado um tema sobre o qual o entrevistado tenha conhecimento ou autoridade para falar. “Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos” (LAGE, 2008, p.74).

Pereira Junior (2010) considera que citar o que foi dito pela fonte, de forma direta, dá voz ao personagem, além de conferir “credibilidade retórica à notícia, identifica a personagem pelas ações e agiliza o texto” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 111). Mas, é preciso tomar cuidado, as fontes devem ser usadas se realmente contribuírem com a construção da reportagem, não devem ser em número excessivo ou genéricas e conter palavras emotivas, de acordo com o autor.

Humanizar a produção jornalística, para Pereira Junior (2010), vai além de apresentar perfis, identificar personagens peculiares que ilustrem o tema da reportagem, ou apresentar incidentes que marcaram alguém em particular. Para o autor, humanizar está mais ligado ao tratamento dado à informação. Tratar uma fonte com frieza, não ajudará a humanizar a produção jornalística.

Por outro lado, há a tendência ao uso das fontes como forma de passar a responsabilidade de ser fidedigno ao acontecimento do jornalista para a fonte, de acordo com Wolf (2008). Por isso o autor ressalta a importância da confiabilidade da fonte, porque se ela não fosse, seria necessário chegar à informação com mais de uma. Em consequência dessa necessidade “do ponto de vista dos procedimentos jornalísticos, as fontes estáveis, institucionais, acabam assumindo uma fidedignidade adquirida com o tempo e igualmente tornada rotineira” (WOLF, 2008, p. 237).

Os autores apresentam o uso dessas fontes institucionais principalmente como um recurso à produção cotidiana de notícias, devido à necessidade de apresentar um conteúdo diário e uma produção rápida. No caso das notícias a serem analisadas, elas ganham um outro papel, que é a busca do que causou a tragédia, encontrar culpados. Como é possível perceber na análise de Leandro Lage (2013), em relação à cobertura do incêndio na Boate Kiss: “[...] num ritual já conhecido de narração do acontecimento que gira em torno dos testemunhos de sobreviventes, da contagem de vítimas, da atribuição de responsabilidades, do sofrimento dos parentes e dos posicionamentos oficiais” (LAGE, 2013, p. 3).

Diante das abordagens levantadas em relação ao uso de fontes na construção das reportagens, o uso delas será também analisado na pesquisa. Para a realização desse trabalho de conclusão de curso será utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Os procedimentos propostos serão apresentados a seguir juntamente com as categorias adotadas.

4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo já era realizada antes de ser identificada assim, com a interpretação de sonhos ou análise de hinos religiosos que Bardin (2011) identifica como “análises de conteúdo prematuras”. Entretanto, a análise de conteúdo foi desenvolvida nos Estados Unidos durante os primeiros quarenta anos do século XX, de acordo com a autora. Inicialmente os estudos estavam mais centrados nos jornais e eram quantitativos, mensurando grau de sensacionalismo, fazendo contagens e medições, além de comparações entre diferentes tipos de produção.

A autora identifica a mudança ocorrida na AC nas décadas de 1940 a 1950, quando houve maior sistematização e ênfase quantitativa, questionada após esse período nos Estados Unidos por ser muito limitante, enquanto que na França esse modelo se manteve até 1973 e 1974. Ainda de acordo com a autora, nas décadas de 1950 a 1960 há inicialmente um período de desencanto em relação a técnica que em seguida passa a receber a contribuição de mais campos da ciência e começa a ser reavaliada. Nesse período, relata Bardin (2011), os pesquisadores refletem sobre as questões qualitativas e quantitativas, além de colocar em questão a objetividade na análise, que para eles não pode ser confundida com cientificidade.

Por fim, o início da década seguinte até metade dos anos 1970 é afetado pelo uso do computador, o interesse pela comunicação não verbal e a imprecisão dos trabalhos linguísticos. Bardin (2011) encerra sua retomada histórica com as tendências da AC, com o aumento das possibilidades trazidas pelo avanço da informática, a linguística mais aberta e a análise de discurso.

No campo do jornalismo, com base na postura de diversos autores, Herscovitz (2008) propõe a seguinte definição para Análise de Conteúdo:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando empregadas ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de freqüências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina). (HERSCOVITZ, 2008, p. 126-127)

Retomando o panorama apresentado por Bardin (2011), é possível perceber aqui a opção por trabalhar de forma quantitativa e qualitativa em uma mesma pesquisa, além de podermos identificar essa flexibilização do método, uma vez que a autora apresenta a possibilidade de fazer a seleção do material de forma aleatória ou não.

4.3 PROCEDIMENTOS DA AC

Bardin (2011) sugere, na análise de conteúdo da comunicação de massa, uma primeira leitura flutuante, ou parcialmente organizada, do material a ser analisado, o que permite formular hipóteses provisórias. Ao se referir ao método propriamente, organiza a análise em três partes: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira etapa apresentada por Bardin (2011), a pré-análise, funciona como um plano de ação, aqui são sistematizadas as ideias iniciais. “A pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, ‘abertas’, por oposição à exploração sistemática dos documentos” (BARDIN, 2011, p. 125-126). O primeiro momento da pré-análise é destinado à leitura flutuante, para conhecer o material, as percepções que vão surgindo desse contato, deixarão a leitura mais precisa. Herscovitz (2008) destaca que “entender a unidade de análise (ou unidade de amostragem) é fundamental para dar o passo seguinte, que é a seleção da amostra” (HERSCOVITZ, 2008, p. 129). E esse é o passo seguinte apresentado por Bardin (2011) dentro da pré-análise.

Nesta pesquisa, a escolha dos documentos foi realizada com base na regra da pertinência, que de acordo com Bardin (2011) estabelece que os documentos selecionados devem corresponder ao objetivo que motiva a realização da análise. Essa etapa foi definida na estruturação da pesquisa. Para Herscovitz (2008), é preciso identificar “[...] quais jornais seriam incluídos no estudo, qual o período de análise (anos, meses, dias?), quantas colunas seriam analisadas e que aspectos do conteúdo seriam observados. Cada uma das escolhas requer uma justificativa” (HERSCOVITZ, 2008, p. 129). Nesse sentido, foi escolhido o jornal Folha de S. Paulo, por ser de circulação nacional e, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (2014), o de maior circulação até então – 2013, ano em que ocorreu a

tragédia da Boate Kiss. O período de análise corresponde ao primeiro dia de cobertura do jornal após o acontecimento, por ser o mais imediato ao incêndio.

A questão levantada por Herscovitz (2008) em relação aos aspectos dos conteúdos que seriam analisados tem relação com a próxima etapa proposta por Bardin (2011). A autora define que o momento seguinte dentro da pré-análise é a formulação das hipóteses e objetivos. Esta pesquisa teve o intuito de, ao longo da análise de conteúdo, identificar se as entrevistas testemunhais são utilizadas mais como elemento de dramatização (reforço ao conflito e ao lado emocional dos fatos, de acordo com os valores-notícia) do que como uma tentativa de reconstituir o acontecimento; analisar se tem mais destaque os relatos particulares do que a busca por informações que auxiliem na compreensão e contextualização do fato; perceber se os jornalistas buscam contextualização e a amplificação dos fatos a partir de outras tragédias e elementos que aproximam o leitor, mostrando como são, ou poderiam ter sido afetados pelo acontecimento. As unidades de registro apontadas por Herscovitz (2008) são: palavra, frase, tema, parágrafo e texto inteiro. Nesta pesquisa a opção foi por dividir as unidades por tema: fontes, valores-notícia e dramatização (emoções). Esses temas serão divididos em subcategorias.

Devido ao menor volume de produção, os incêndios no Gran Circo, no Rio de Janeiro, nas Lojas Renner, no Rio Grande do Sul, no Edifício Andorinha, no Rio de Janeiro, e no Canecão, em Minas Gerais, citados em duas páginas do jornal no primeiro dia de cobertura, não serão analisados. Esses acontecimentos possuem uma produção significativamente menor do que as três coberturas a serem analisadas. São elas os incêndios no Edifício Andraus (nove páginas) e no Edifício Joelma (sete páginas), ambos em São Paulo, e na Boate Kiss (oito páginas), no Rio Grande do Sul.

Para a seleção dessa amostra foram seguidos os passos acima citados, sugeridos por Bardin (2011). Primeiro foi realizada uma pesquisa no Arquivo Digital do jornal Folha de S. Paulo, na busca por identificar o aparecimento de todos os incêndios relatados ao longo da semana que se seguiu ao fato. Nessa primeira busca foi realizada leitura flutuante do material e percebeu-se a mudança de abordagem do fato ao longo dos dias. Depois de observada a diferença de volume nas coberturas foi realizada a seleção de quais acontecimentos noticiosos seriam considerados para a análise, por isso ocorreu um salto temporal entre as coberturas.

Essa diferença de tempo foi levada em consideração no momento da análise, uma vez que mudam as condições de produção, não apenas dentro da cultura profissional, mas também por questões técnicas. O último incêndio também fica geograficamente afastado dos outros, o que precisou ser considerado no momento da análise. Mas a seleção seguiu os critérios estabelecidos. As hipóteses e objetivos foram formulados a partir da primeira leitura flutuante, anterior a seleção da amostra.

A partir da seleção da amostra foram definidas as categorias de análise, ainda de forma preliminar, organizadas no quadro abaixo.

Quadro 1 – Categorias de análise

Categoria	Descrição
Fontes	Segue a tipificação de fontes propostas por Lage (2008), para definir a categoria a que pertence a fonte, além de identificar quem é a fonte, algumas delas são: vítima, parente de vítima e curioso.
Valores-notícia	Identificados de acordo com a categorização de Traquina (2008), permitem identificar procedimentos adotados pelos jornalistas, faz a análise de frases e contextos. O valor de consonância, por exemplo, pode ser percebido na manchete do primeiro dia de cobertura do incêndio no Edifício Joelma, que dizia “De novo, e muito pior”, fazendo referência ao incêndio no Edifício Andraus dois anos antes.
Relato direto	Identifica as observações do jornalista em primeira pessoa ou não. Quando descrevem a fisionomia de quem lhes dá entrevista, ou o estado emocional da pessoa, por exemplo. Relatos produzidos a partir da observação direta do repórter em relação aos acontecimentos registrados, não de informações obtidas com outras fontes.
Expressões	Subdividida em categorias que abrangem palavras com sentido semelhante que permitem identificar o tom de dramaticidade presente nos títulos das notícias: pânico/medo; morte/corpo/morto; sobreviver/sobrevivente; fogo/incêndio; tragédia/trágico; salvar/salvamento; e comoção (dor, sofrimento, tristeza, trauma).

Fonte: A autora (2019).

Essas categorias foram testadas em parte da primeira cobertura analisada. Nesse momento foi possível perceber que as categorias valores-notícia e relato direto não poderiam ser analisadas de forma quantitativa, pois permeiam o texto de forma mais flexível. Portanto, elas foram identificadas em análise qualitativa, com identificação das partes dos textos noticiosos onde tiveram maior destaque. A análise quantitativa das fontes foi realizada a partir do uso de tabela onde foram identificadas de acordo com as categorias indicadas e depois quantificadas. Para isso foram realizadas duas leituras, uma para identificar as fontes e preencher as tabelas. A segunda leitura foi dedicada a análise qualitativa. Os títulos foram

analisados em tabela separada. A amostra foi ainda revisitada para quantificação de páginas, capas e identificação do espaço dedicado às produções. Por último foi realizada mais uma checagem da categorização das fontes e a diferenciação dos tipos de relatos e identificação (bombeiros, policiais, vítimas, parentes/amigos e curiosos). Os resultados são discutidos no próximo capítulo.

5 ANÁLISE

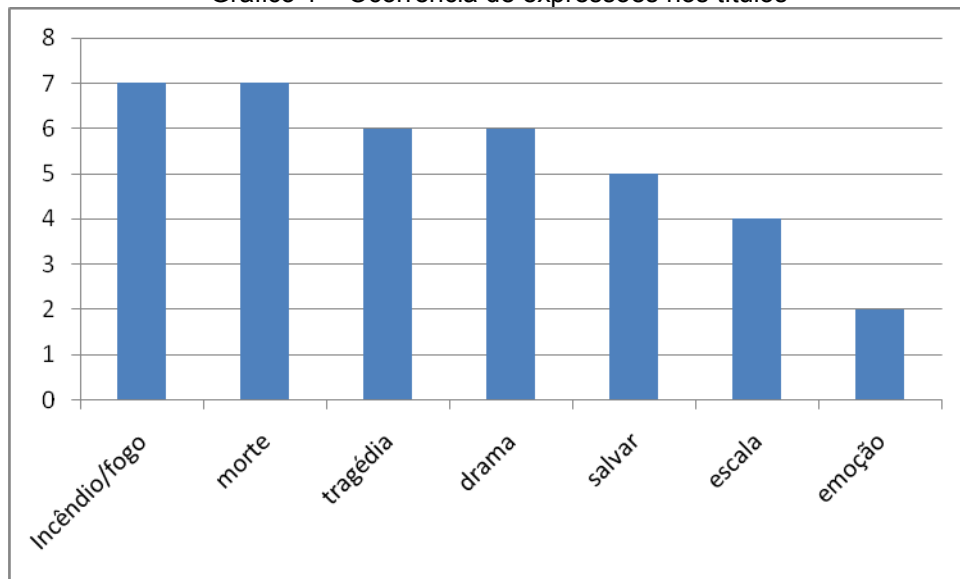
A primeira parte da análise a ser apresentada é a quantitativa. Embora as imagens não sejam uma categoria de análise elas são consideradas em alguns momentos, por serem um apoio ao texto, além de não poderem ser totalmente ignoradas como contexto da produção.

O incêndio no Edifício Joelma foi o único dos analisados do qual o primeiro dia de cobertura foi realizado em edição extra do jornal. Além do dia analisado houve chamadas na primeira capa relacionadas ao incêndio até o dia 9 de fevereiro de 1964 (totalizando oito capas), no dia seguinte ocorreu incêndio em uma fábrica de plásticos, não houve mortes, algumas pessoas tiveram ferimentos leves. Na edição, o jornal inclui pequeno manual de combate a incêndio. No dia 14 de fevereiro de 1964 a capa da folha de São Paulo chama para a matéria "Prefeito ordena a vistoria de todos os prédios".

A cobertura do incêndio no Edifício Andraus aparece em dez capas de jornal, além do primeiro dia de cobertura. Sendo que a capa do dia 4 de fevereiro contém aviso de que no dia seguinte trará informações sobre o incêndio, como morreram as vítimas, a história em detalhes e atos de heroísmo, sem remeter a uma reportagem naquela edição. Nos dias 6 e 7 de março não há referência nas capas, no dia 9 de março uma última informação sem citar o Edifício Andraus diretamente: "Fiscais contra incêndio fecham teatros e clubes". Além do primeiro dia analisado, o incêndio na Boate Kiss aparece em oito capas, em dias consecutivos. Essa recorrência ao longo de dias enfatiza a relevância dos acontecimentos.

No primeiro dia de cobertura dos três incêndios juntos foram contabilizados 64 títulos. Desses foram extraídas oito categorias de expressões que são listadas junto com o número de ocorrências: salvar (5); tragédia (6); Incêndio/fogo (7); drama (6), inclui as palavras triste, desespero, comove e drama; emoção (2), alegria ou emoção de ser salva, apareceu apenas na primeira cobertura; morte (7); e escala (4), títulos que fazem referência a maior ou pior incêndio.

Gráfico 1 – Ocorrência de expressões nos títulos



Fonte: A autora (2019).

Algumas palavras não foram consideradas devido ao contexto, como em "Casal comemorava empregos; só ela sobreviveu". Sobreviveu foi considerada, mas comemorava não, pois não tinha o mesmo sentido de outras palavras de comemoração que representavam a alegria de quem foi salvo.

Há ainda títulos que remetem à contextualização do acontecimento (4) e títulos que indicam que explicarão ou fazem referência a possíveis causas (8). Algumas das expressões citadas anteriormente aparecem também nesses títulos. O que podemos perceber a partir dessa contagem, é que a ocorrência de expressões que lembram medo, drama, tragédia ou fogo não tem uma frequência elevada em relação ao número total de títulos, 24 de um total de 64, sendo que alguns contêm mais de uma dessas expressões, como em "O pânico veio logo no início do fogo". O incêndio na boate Kiss possui um maior número de coberturas dedicadas à procura de explicações, cinco de um total de oito títulos identificados com esse objetivo.

Como o primeiro dia de cobertura no edifício Joelma contou com uma edição extra, para fins de análise de capa será utilizado o segundo dia de cobertura, uma vez que ficaria em desequilíbrio com os outros, pois a edição foi dedicada exclusivamente ao incêndio. Ainda assim, no dia 2 de fevereiro de 1974, o jornal Folha de S. Paulo teve a capa inteiramente dedicada ao incêndio no Joelma. Já no caso do Andraus, havia um anúncio no rodapé, também ligado ao acontecimento; era o aviso de uma companhia de seguros que precisou mudar o local de atendimento devido ao incêndio. Já em 2013, grande parte da capa é dedicada à

cobertura do incêndio, mas dedica espaço de aproximadamente oito linhas, no comprimento total da página, a chamadas para outras notícias, sem fotos. E o espaço de aproximadamente 16 linhas, e a largura de toda a página é ocupada no rodapé por uma publicidade.

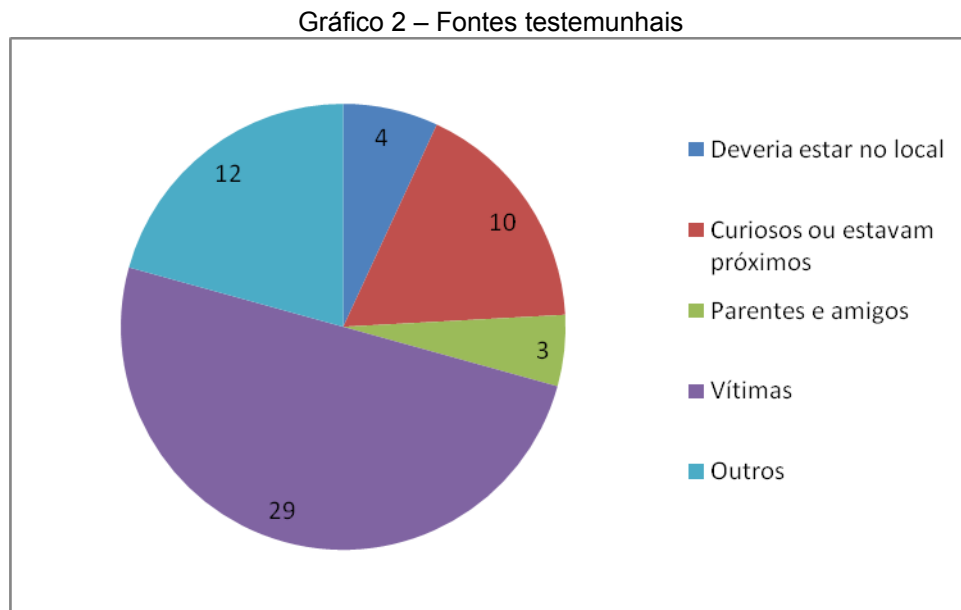
No segundo dia de cobertura o incêndio no Joelma contou com mais páginas de cobertura do que no primeiro. A justificativa para essa escolha de análise, nesta pesquisa, é o fato de que os textos no primeiro dia de cobertura apresentam a percepção mais imediata do fato, enquanto no segundo dia aparecem desdobramentos, como um agradecimento da Crefisul (no caso do Joelma). Portanto, foi considerado mais adequado analisar o texto do primeiro dia de produção jornalística. No entanto, por ser uma edição extra, poderia haver desequilíbrio na comparação de capas ou no compartilhamento do espaço de uma página da cobertura do incêndio com outras notícias. Uma contagem de espaço dedicado à cobertura não ficaria bem equilibrada se a comparação fosse realizada com uma edição extra, na qual, ainda assim, uma página e meia foi dedicada a anúncios publicitários.

O incêndio no Andraus aparece em oito páginas, do total, três foram dedicadas exclusivamente ao incêndio, sendo uma apenas de imagens. Todas as sete páginas de cobertura do incêndio na boate Kiss foram dedicadas exclusivamente a esse fato. Ao segundo dia de cobertura do incêndio no edifício Joelma foram dedicadas 16 páginas, quatro delas não tratam de outros assuntos. Dessa quantia foram excluídas aquelas que contivessem qualquer publicidade ou anúncio sem relação com o incêndio.

As fontes de notícia foram identificadas para o primeiro dia de cobertura de cada um dos acontecimentos selecionados. No edifício Andraus foram: oficiais (18), oficiosas (5), *expert* (1), testemunhas (24); no edifício Joelma: oficiais (7), oficiosas (9) e testemunhas (22); na boate Kiss foram: oficiais (13), oficiosas (1), *expert* (4) e testemunhas (12). Foram consideradas oficiosas aquelas fontes ligadas às corporações, como corpo de bombeiros ou ao local atingido pelo fogo, mas que não falam pela instituição. Roberto Andraus foi considerado como fonte oficial quando apresentado como dono do edifício e como *expert* quando apresentado como construtor e ex-proprietário, pois havia vendido os três últimos andares. Há coerência por parte do jornal, pois quando fala como proprietário cita os funcionários dos 24 andares, assim excetuando os três últimos que havia vendido. Ao ser citado

como construtor ele fala da importância da estrutura do prédio, pois se fosse outra, não teria resistido ao incêndio.

Do total de fontes testemunhais (58) apresentadas nas três coberturas quatro eram pessoas que deveriam estar no local, mas não estavam porque tinham acabado de sair ou não haviam ido ao trabalho. Dez eram curiosos ou pessoas que estavam próximo ao local no momento do incêndio. Três eram parentes ou amigos e 29 do total eram vítimas. As outras 12 não foram enquadradas em nenhuma dessas categorias.



Fonte: A autora (2019).

O que pode ser percebido a partir dessa análise quantitativa é que os dois primeiros incêndios ouviram maior número de testemunhas, enquanto o último dá ênfase às autoridades. Do total de fontes testemunhais a maior parte é de vítimas. Essa diferença entre as primeiras e a última cobertura pode ser justificada pela distância e o maior tempo para deslocamento de repórteres para o local. Mas, há também a maior ênfase dada às causas do incêndio e à necessidade de identificar culpados pelo início do fogo e também pela incerteza da validade do alvará de funcionamento. Essas duas questões podem ser um indício do maior número de fontes oficiais. Outro fator é o número de fontes *experts* o que pode estar ligado com busca pela causa das mortes, em sua maioria por asfixia, não pelo fogo. Além de dois professores que falam sobre segurança em casos de incêndio.

Por outro lado, o grande número de fontes testemunhais nas duas primeiras coberturas mostra o imediatismo na busca das informações e o tom declaratório,

mesmo de pessoas ligadas à instituições que calculam o possível número de vítimas e dão relatos do que está ocorrendo no interior dos edifícios, ou o que testemunharam a partir dos primeiros momentos do incêndio.

5.1 EDIFÍCIO ANDRAUS

O incêndio no edifício Andraus é também chamado de incêndio da Pirani, por ter começado no 3º andar da loja que ocupava os cinco primeiros dos 27 pavimentos do prédio. É chamado de "maior incêndio da história de São Paulo" (A SALVAÇÃO..., 1972, p. 1) na capa do jornal Folha de S. Paulo do dia 25 de fevereiro de 1972. Outro fator de destaque é o prédio possuir o primeiro heliporto da cidade instalado no topo de um prédio, que foi essencial para o salvamento das vítimas. Para o resgate foram mobilizados helicópteros de órgãos públicos e empresas privadas.

O vento recebe atenção nessa cobertura, porque no dia do incêndio estava a 30 quilômetros horários, sendo que o normal para a cidade é o vento estar entre 7 e 12 quilômetros por hora. Isso contribuiu para que o fogo se espalhasse com maior rapidez. Ainda na capa, é possível encontrar juízo por parte do jornal, quando é feita referência a importância da ação de quatro homens de "sangue-frio", que orientaram as pessoas no topo do prédio para que elas sobrevivessem; além de organizar a ordem de salvamento, de crianças, mulheres, homens e por fim eles quatro. A capa apresenta um resumo do dia do incêndio, com informações até as 21h45, é possível ainda identificar a presença do repórter com o relato: "um lamaçal espesso e escorregadio, formado por cinzas, cacos de vidro e detritos carbonizados, misturados à água, corria numa grande extensão da Av. São João." (A SALVAÇÃO..., 1972, p.1).

Na página seis o título é "O dia mais trágico da cidade", que dá continuidade à ideia apresentada ainda nos primeiros parágrafos da capa. Nessa notícia tem destaque o contraditório, além do tom testemunhal e opinativo. Primeiro o texto traz uma declaração do prefeito de São Paulo, Figueiredo Ferraz, que diz ter ficado "traumatizado" com o incêndio. O prefeito fala ainda das desvantagens da arquitetura moderna que sem a alvenaria que bloqueava os incêndios nos pavimentos, permitem a fácil propagação do fogo, e a falta de escadarias externas dificultam a fuga, além de falar que o brasileiro não acredita em incêndio, mas ele

existe. A declaração baseada em fatos comprováveis é de que "mobilizou ambulâncias de todas as Secretarias da Prefeitura e das Administrações Regionais, os carros-pipas da SAEC e o único helicóptero que estava funcionando" (O DIA..., 1972, p. 6). As demais declarações são opiniões pessoais e sentimentos.

Nas diversas reportagens publicadas no dia seguinte ao incêndio há variados momentos em que os jornalistas identificam a extensão espacial ocupada pelos curiosos, além da área afetada pelo incêndio e trânsito decorrente deste. Ainda nessa primeira notícia chama atenção a descrição do jornalista, que vai se repetir em outros textos, com detalhes para aqueles que não puderam presenciar as cenas, o que destaca o desespero, além do número de vezes em que essa palavra é repetida. Um desses relatos descreve uma tentativa de escapar do fogo:

No 15º andar, onde funcionava o escritório da Petrobrás, um vulto tomado pelas chamas mais parecendo uma tocha humana, acenava desesperadamente para a multidão na rua. Mas foi um aceno sem resposta. O fogo foi tomando rapidamente o pavimento e o vulto foi caindo, sem vida, envolvido pelas labaredas. (O DIA..., 1972, p.6)

Ainda nessa notícia, é possível identificar o contraditório. Enquanto o gerente da loja Pirani, onde começou o incêndio, diz que a maioria dos funcionários conseguiram escapar sem ferimentos, Neide Eugenio de Souza, que trabalhava no segundo andar, alegava que dezenas de suas colegas não conseguiram sair do quinto andar, uma vez que elevador e escadas estavam bloqueados. Parte do relato do caos é dedicado a falar sobre a multidão que invadia o cordão de isolamento, prejudicando o atendimento às vítimas. O jornalista relata que muitos diziam estar à procura de parentes que trabalhavam no edifício.

O valor-notícia de amplificação pode ser percebido na informação de que a SAEC³ interrompeu o fornecimento de água a particulares na área central da cidade, assim o incêndio atinge mais do que os diretamente envolvidos, além do envio de dez carros tanques de nove mil litros, de cinco viaturas e três ambulâncias para transporte de feridos. Ainda na página seis do jornal, outro título é "O maior de todos os incêndios", destinada a lembrar outros incêndios marcantes em São Paulo, o que contextualiza o ocorrido no Edifício Andraus.

³ Superintendência de Águas e Esgotos da Capital, hoje não existe mais, pois foi integrada à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), junto com a Companhia Metropolitana de Água de SP (Comasp)

Na página seguinte, há mais duas notícias, uma delas é "Incêndio comove povo nas ruas". Esta notícia é dedicada à reação das pessoas que assistem o incêndio e os efeitos para quem está nas proximidades: a necessidade de um bar fechar por ter o toldo atingido por um pedaço de madeira em chamas e os carros na rua que estão sendo destruídos em consequência do incêndio, por exemplo, tendo os vidros estourados. Também narra a tentativa das pessoas em ajudar na retirada dos que estão dentro do prédio em chamas e a necessidades de outros prédios serem evacuados e reações de alguns dos moradores desses outros edifícios.

Na mesma página há uma nota destinada a falar sobre Roberto Andraus, o construtor do edifício. Como conhecedor da estrutura, ele fala da relevância do heliporto que declara ser um dos mais modernos do mundo, além do material utilizado na construção, uma vez que o grande calor poderia afetar as colunas mestras e nesse caso a construção teria ruído. Em vez de estrutura metálica o edifício foi construído em concreto.

A página oito do jornal é inteiramente destinada a imagens, o título é "A incontida emoção de ser salva da morte". Na página seguinte, com o título "Na praça, a alegria dos que escaparam", é apresentado o relato de pessoas que conseguiram escapar do incêndio e as reações delas ao reencontrar colegas de trabalho. Também é relatado o trabalho dos bombeiros para conseguir salvar pessoas a partir do acesso por outro prédio. O jornalista relata que os bombeiros demoraram 40 minutos para completar a operação e começar o resgate das primeiras vítimas, nesse momento mais de 50 mil pessoas já se aglomeravam em pontos onde era possível ver o incêndio, não é dita a fonte da informação.

Nesse texto chama atenção o relato do jornalista:

Um grupo compacto que se espremia num terreno baldio da rua Vitória soltou um murmúrio conjunto quando, as 16h40, um homem se atirou. O corpo fez uma pirueta no ar e caiu quase em câmara lenta. Ninguém ouviu nenhum barulho. Só um homem abaixou a cabeça e pôs as mãos no rosto, falando baixinho: "ele se jogou, se jogou". (NA PRAÇA..., 1972, p. 9)

No mesmo texto é apresentado o relato de um funcionário da Companhia Novo Mundo de Seguros Luis Ferraz do Amaral Filho, que é considerado a primeira vítima a ser retirada. Esse é um dos casos em que o relato só pode ser fornecido por quem vivenciou o incêndio. A partir desse personagem o texto conta o trajeto percorrido, a tentativa de descer as escadas, o encontro com outras pessoas que

sobem porque não conseguiram sair por baixo, ficar preso entre o 9º e o 15º andares, "nas janelas quebradas, o sangue escorria. O ar era pouco e alguns, mais desesperados, se atiraram. O pequeno pânico do início foi logo substituído pela paciente e exasperante expectativa de ver o fogo acabar." (NA PRAÇA..., 1972, p.9). A vítima, como outros, saiu por uma escada colocada pelos bombeiros ligando o 11º andar com o edifício Palladium.

Uma explicação é conferida pelo coronel comandante do Corpo de Bombeiros, Jonas Flores Ribeiro, sobre o desempenho dos helicópteros, "que a massa de ar quente reduz a pressão, podendo provocar a queda do aparelho. E mesmo que ele consiga pousar, corre o risco de o tanque se incendiar com o calor e o aparelho explodir". (NA PRAÇA..., 1972, p.9). O jornal passa uma ideia geral da confusão relacionada ao incêndio:

Os homens que levam macas para o interior do edifício Palladium voltam correndo com os feridos, passam por ambulâncias abertas e vão colocá-lo em outra localizada muito mais longe. Uma ambulância do INPS tenta arrancar com a porta traseira aberta e é contida pelos guardas, quando uma mulher muito ferida já vai despencando na rua com a maca. (NA PRAÇA..., 1972, p. 9)

É apresentado também um mapa da região que indica ruas e alguns pontos de referência como a Biblioteca Municipal e a Praça da República, além do edifício onde foi o incêndio. O desenho é linear e são indicadas as áreas ocupadas pelos pontos de referência.

Na próxima página a notícia "Não se sabe quantos morreram" fala que provavelmente não será possível divulgar um número nas primeiras 24 horas. Novamente, Roberto Andraus é entrevistado, mas agora identificado como proprietário do edifício, enquanto na entrevista anterior havia sido identificado como ex-proprietário, talvez isso possa ser justificado pelo fato de ele ter vendido os três últimos andares do edifício para a Shell três meses antes do acontecimento. Essa possibilidade é corroborada pelo fato de ele informar que havia duas mil pessoas trabalhando nos 24 andares do prédio, excluindo assim os últimos três.

Essa notícia se dedica mais a informações verificáveis. Andraus afirma estar inconformado com o que aconteceu com o prédio que havia até ganhado prêmio internacional de arquitetura. A informação de que as escadas estão cheias de cadáveres é fornecida por um auxiliar de Roberto Andraus e confirmada pelo sargento do Corpo de Bombeiros. Durante 1h30, com 60 viagens, os helicópteros

regataram 287 pessoas, de acordo com o Palácio da Polícia. "O engarrafamento foi total" relata como o incêndio afetou o trânsito na cidade. "Ferraz: mais rigor para evitar incêndios", dá destaque à declaração do prefeito Figueiredo Ferraz, já mencionada anteriormente de que "o brasileiro não acredita em incêndios, mas eles existem" (FERRAZ..., 1972, p. 10) e o destaque do prefeito para a falta de parapeitos entre os andares, o que facilita a propagação do fogo.

Nesse momento o valor-notícia de amplificação tem novamente destaque: o prefeito

declarou que o incêndio o levaria a exigir ainda maior rigor quanto à prevenção de incêndios no novo Código de Obras que está sendo elaborado e que determinaria imediatamente uma inspeção em todos os edifícios frequentados por maior número de pessoas. (FERRAZ..., 1972, p. 10)

O jornal destaca ainda que o prefeito pode ter sido motivado também pelo fato de dois prédios próximos ao Andraus terem sido atingidos pelo fogo, embora ninguém tenha se ferido, pois diversos edifícios da região foram evacuados.

Na página 11 do jornal, na matéria "Heliporto reduz tragédia", é dado destaque novamente a Andraus, sua paixão pela aviação, a tentativa de utilizar o prédio para vôos regulares de helicóptero em 1962, o declínio da atividade e a visão do construtor de que no futuro o helicóptero custaria mais barato e seria mais utilizado por sua versatilidade. O jornal destaca que o heliporto teve por fim uma grande movimentação, mas não pelos motivos imaginados por Andraus.

Na mesma página, "O pânico veio logo no início do fogo" narra a tomada do prédio pelo fogo, a tentativa do primeiro helicóptero de se aproximar sem sucesso e do desespero que logo tomou conta das pessoas. "Comando dos bombeiros no incêndio" apresenta informações de órgãos oficiais sobre ações tomadas durante a tragédia. "Segurança fica sob prontidão" fala que assim que o governador Laudo Natel soube do incêndio "determinou várias providências a serem tomadas pelas Casas Civil e Militar". (SEGURANÇA..., 1972, p. 11), o helicóptero do Palácio dos Bandeirantes foi colocada à disposição pelo coronel Raul Humaitá, chefe da casa Militar.

Na página 12, "Investigações em escolas e clubes" traz os valores-notícia de amplificação e relevância, porque o prefeito diz que lugares com grande circulação de pessoas serão fiscalizados e o prazo para as adaptações necessárias será irrevogável. Esse aspecto envolve proprietários que precisarão ficar atentos às

exigências e também as pessoas que circulam por esses espaços. Nessa notícia a fala do prefeito de que "o brasileiro não acredita em incêndios, mas eles infelizmente existem", além de ressaltar que o tipo de construção do Andraus facilita a propagação das chamas, é repetida pela terceira vez, nessa edição do jornal. Nessa notícia também é repetida a fala do prefeito sobre incluir medidas mais efetivas no combate a incêndios no novo Código de Obras. Nessa afirmação do prefeito também há os valores de amplificação e relevância, pois uma alteração no Código de Obras afeta muitos moradores da cidade, não apenas os que já passaram por um incêndio. Nessa página também é apresentada uma lista das empresas que funcionavam no edifício.

Na sequência, "Transporte dos feridos", fala da retirada de vítimas do prédio pelo helicóptero da Pirelli, mas o maior foco está no relato de vítimas ou na descrição do repórter sobre como estavam ao sair de lá. "Relação dos feridos" faz breve relato sobre as condições das pessoas ao chegar ao hospital e informações prestadas pelo diretor do Pronto Socorro do Hospital das Clínicas. É listado o nome das pessoas que estavam nesse hospital e na Santa Casa, além do nome de um dos dois mortos que chegaram ao IML. Como o segundo não havia sido identificado, o jornal faz uma descrição da pessoa "um homem de aproximadamente 45 anos, de físico avantajado e cabelos grisalhos" (RELAÇÃO..., 1972, p. 12). Ambos se jogaram do 6º andar na tentativa de escapar do fogo. A última folha do jornal do primeiro dia dedicado ao incêndio no Edifício Andraus é da Folha Ilustrada. Com o título "A extraordinária façanha do salvamento", traz fotografias com legendas.

Ao longo das reportagens produzidas nesse primeiro dia de cobertura do incêndio no edifício Andraus é possível perceber a presença, também, dos valores-notícia de consonância, personalização e relevância. A consonância pode ser percebida, por exemplo, quando são citadas todas as empresas que funcionavam no prédio; na identificação do local onde são feitos os resgates e o local do incêndio, com o uso do nome de ruas, praças e estabelecimentos comerciais próximos ao acontecimento; e com a retomada de incêndios passados.

A dramatização está presente muitas vezes junto com a personalização, pois ao relatar histórias individuais o jornal traz também elementos de dramaticidade, assim como a amplificação e a consonância aparecem, em alguns casos, juntas. Nas notícias desse primeiro dia analisado a dramatização está presente também nas percepções do jornalista que narra o estado das vítimas ao serem resgatada, os

comentários que faziam, suas condições físicas e estado emocional; também pode ser percebida nas narrações dos corpos caindo do prédio e nos relatos de quem conta o que viu do lado de dentro do incêndio.

Por fim, a personalização fica tanto nos relatos das testemunhas quanto no relato do jornalista de histórias individuais, como as pessoas que saíram do edifício pouco antes do incêndio, daquelas que estavam lá sem serem frequentadores assíduos e acabaram atingidos ou as pessoas que tentavam salvar outras vítimas e encontrar amigos e familiares que trabalhavam no local do acontecimento.

5.2 EDIFÍCIO JOELMA

O incêndio no Edifício Joelma, também em São Paulo, contou com uma edição extra do jornal Folha de S. Paulo no dia 1 de fevereiro de 1974. A capa traz o título: "De novo, e muito pior", em referência ao incêndio no Andraus, em 1972. Já na primeira página o jornal destaca que teria sido uma repetição do incêndio anterior, não fosse o maior número de vítimas. O Edifício Joelma tem 26 andares, apenas um a menos do que o outro. Assim, o valor-notícia de consonância já pode ser percebido na manchete, além do segundo título ainda na capa: "Andraus: a última recordação", texto que traz os dados do incêndio que até o dia anterior à tragédia no Joelma era o maior ocorrido em São Paulo, quando perto de 300 pessoas foram resgatadas, 16 morreram, e aproximadamente 300 ficaram leve ou gravemente feridas, de acordo com o jornal.

O título, ainda na capa do jornal, indica "Até 17h: 70 mortos", que haviam chegado ao Instituto Médico Legal, além de 83 feridos atendidos em postos de emergência e hospitais. Novamente é dado destaque aos helicópteros, com papel fundamental no salvamento e a dificuldade dos bombeiros em chegar aos andares mais altos do prédio. A amplificação e a relevância aparecem também nessa notícia ao informar que no prédio...

...funcionava o Banco Crefisul de Investimentos S.A. e ali trabalhavam cerca de 600 pessoas, número aumentado por aqueles que eventualmente procuravam o prédio para seus negócios e, também, pelos motoristas que estacionavam seus carros na garagem que ocupa os 6 primeiros andares. (DE NOVO..., 1974, p. 1).

Ainda na capa, é identificada a possível causa do incêndio com um curto-circuito em um aparelho de ar condicionado no 12º andar, além de haver muita madeira por causa de uma obra. O jornal indica também o nome dos falecidos identificados até as 15 horas. A informação da possível causa do incêndio é dada pelo jornal "segundo as primeiras informações", essa fonte não foi classificada, porque podemos supor que é de uma fonte oficial, mas não é possível confirmar. A presença de grande quantidade de madeira em decorrência de uma obra é indicada por um ex-diretor da Crefisul, que foi classificado como testemunha, por não ser mais diretor e, portanto, não falar mais em nome da empresa.

A segunda página do jornal começa com a notícia "Drama na 9 de Julho, nº 225", em referência ao endereço do prédio. Esse primeiro texto já começa com declarações de bombeiros que foram considerados como fontes testemunhais, uma vez que contam o que viram durante os resgates e um deles faz estimativa de número de vítimas, a partir de sua percepção. Em seguida o jornal apresenta relatos dos acontecimentos e um drama pessoal de um homem que pensava ter identificado seu filho no prédio. Um fotógrafo lhe empresta a câmara para ver melhor com o uso da objetiva, então ele já não tem mais certeza de que é seu filho no prédio. Chama atenção o fato de o jornal publicar o número para o qual o homem falou para ligarem se tivessem informações. Ele não aguenta ficar no local, pois o bombeiro tem dificuldade para resgatar o homem que pode ser seu filho. O jornal descreve a tentativa de salvamento:

A medida que o aparelho aproximava-se a multidão prendia a respiração tomada de um medo-pânico. Em dado momento a impressão era de que, afinal, se agarraria ao corpo do Capitão Idalécio. Mas foi inútil. É certo que mantiveram um diálogo qualquer numa tentativa de fazê-lo sair da janela onde se encontrava. Quando lançou o paletó, a multidão pensou que ele se decidiria pela solução derradeira. Uma mulher desmaiou. (DRAMA..., 1974, p. 2)

Na mesma página são fornecidas informações gerais das ações tomadas para salvamento das vítimas, e ajuda recebida de quem estava por perto e número de pessoas envolvidas nas operações de combate ao incêndio e resgate de vítimas. O jornal fala ainda da extensão do incêndio e do perigo representado pela chegada do fogo ao espaço entre 2º e 9º andares, onde ficavam os pavimentos de garagem, o que poderia ter provocado o desabamento do edifício. Apenas com o consumo de cortinas, forrações, móveis e objetos, a ação do fogo causou o desabamento de

paredes do edifício. Os danos estruturais são retomados em outros textos, ainda nesse primeiro dia de cobertura.

Nessa segunda página do jornal, há um desenho que mostra a região onde fica o prédio atingido pelo incêndio. Esse elemento lembra também os infográficos mais utilizados na cobertura do incêndio de 2013. Enquanto o mapa utilizado na cobertura do Andarus indicava ruas e locais com o uso de linhas, em 1974 o desenho se assemelha a uma imagem aérea. Embora seja também linear ele faz indicação de perspectiva e inclui diversos edifícios. A diferença no uso de recursos gráficos pode ser explicada pelo afastamento temporal entre os acontecimentos.

A página seguinte com o título "A morte vista pela teleobjetiva" é dedicada ao depoimento, em primeira pessoa, de jornalista fotográfico da Folha de S. Paulo, que estava no 12º andar da Câmara Municipal de São Paulo quando começou o incêndio. Ele fotografou a partir das 9 horas da manhã, até que os policiais pediram para que todos se retirassem da cobertura do prédio onde pousavam helicópteros. Nesse o texto o jornalista passa informações sobre o que pode ver do desenrolar do incêndio e também emoções que sentiu e pode perceber em outras pessoas presentes.

A página 5 do jornal é inteiramente destinada à cobertura do incêndio no Edifício no Joelma. Essa página tem apenas uma fotografia, a maior parte do espaço é ocupada por texto. A dramatização novamente é percebida no título "No trânsito conturbado, excepcionalmente não se ouviam as buzinas. A cidade sentiu a tragédia". Esse tom de dramaticidade é unido a personalização já na primeira linha da notícia: "'Meu Deus, é uma loucura. Esta é uma cidade louca!' A síntese de tudo, feita entre lágrimas por uma jovem motorista, que deixou em crise a direção de seu carro, correndo em direção a lugar nenhum". (NO TRANSITO..., 1974, p. 5). No terceiro parágrafo a dramatização além de ser utilizada pelo jornal, é identificada por ele ao falar da rua parada no horário de maior trânsito: "Rádios ligados, milhares de homens que haviam deixado suas casas, despreocupados, para os locais de trabalho, passavam a viver a tragédia do Edifício Joelma, narrada com dramaticidade pelos repórteres radiofônicos". (NO TRANSITO..., 1974, p. 5). Essa frase apresenta outros valores-notícias ao mesmo tempo, como a amplificação, com a quantidade de pessoas envolvidas, e a relevância não apenas por afetar a rotina daqueles que iam trabalhar, mas por ser acompanhada e narrada pelos rádios. Na frase anterior à citada o jornal utiliza o valor-notícia da consonância ao indicar que

tudo se passava na Avenida 9 de julho no horário de "pique", quando a rua fica intransitável. O lugar se tornou "uma imensa fileira de carros com seus motores desligados" (NO TRANSITO..., 1974, p. 5). Nessa notícia há também forte presença do repórter com a narração da mobilização dos guardas nas ruas, a ausência das buzinas, as notícias nos rádios e a reação das pessoas.

A 9 de Julho deixava de ser uma artéria de escoamento de veículos para se transformar em imensa praça de lamentos. A narração de corpos assomando janelas, libertos no ar, caindo à calçada, feria fundo a todos quantos, impotentes, recolhiam-se em preces, única forma de ajuda às vítimas da tragédia que comovia, naquele instante, toda a cidade. (NO TRANSITO..., 1974, p. 5)

A relevância do incêndio é percebida quando o jornal indica o contingente de polícias enviados ao local para ajudar, e o controle de acesso para deixar corredores livres e as ambulâncias terem acesso ao Hospital das Clínicas. Além de as alterações do trânsito no centro se refletir também nos bairros, com a falta de guarda e a chuva que causou problemas "nos principais sinais luminosos localizados estrategicamente nos cruzamentos mais importantes". (NO TRANSITO..., 1974, p. 5). O que, de acordo com o jornal, fez com que a cidade quase parasse naquela manhã. Além de indicar as ruas afetadas, o jornal destaca que o acontecimento provocou horas de atraso na entrada do trabalho, para as pessoas que precisaram ir ao centro da cidade, o que ajuda na identificação do leitor e na percepção da dimensão do ocorrido. O testemunho do taxista João Batista dos Santos é utilizado para personalizar o problema do trânsito antes generalizado. O jornal fala ainda da quantidade de curiosos, que na busca pela melhor forma de acompanhar o incêndio acabaram atrapalhando o trânsito e o trabalho de salvamento por dificultar a passagem.

"Em menos de 2h" ocupa um quadro na página e faz um panorama geral do incêndio, como pessoas conseguiram sair e porque outras não puderam, devido à grande quantidade de entulho e corpos nas escadas e com o desligamento da energia devido ao calor, pessoas morreram dentro dos elevadores. Relata a ação dos helicópteros e de um gigante pertencente a FAB que fazia o papel de ventilador para dispersar a fumaça, esporadicamente. Fala ainda das pessoas que se jogaram do prédio, dos que esperavam nas marquises e de João Alberto Moreti, que saltando

de andar em andar foi do 19º pavimento ao 12º onde conseguiu alcançar a escada Magirus e foi levado ao hospital com as mãos queimadas.

Mais uma vez um contexto conhecido é retomado em "Sobrecarga elétrica: as mesmas causas do Andraus?" baseado em relatos de testemunhas. As pessoas que estavam na rua e viram funcionários tentando arrancar as cortinas onde começou o fogo; um jornalista e sua mãe que trabalhavam em banca próxima ao prédio e viram o que ocorreu, o entregador de uma avícola do Mercado Municipal que viu o fogo começar quando passava com sua bicicleta e confirmou as palavras do jornalista e sua mãe; Abran Yaish, vendedor, que estava no local quando viu o fogo e as pessoas pulando; e Walter Garcia, que trabalhava no 9º andar de um prédio próximo e junto com seus colegas ouviu a explosão do ar condicionado, então foi ajudar os bombeiros no resgate. A única testemunha de dentro do prédio era um comerciante do Rio, ele estava na loja térrea da Crefisul e correu com os outros quando soube do incêndio, portanto não concede informações sobre o acontecimento.

Por outro lado, "Intervenção decisiva", ao lado da notícia anterior, é inteiramente dedicada ao relato da copeira da Crefisul que estava no 13º andar no momento do incêndio, Maria do Carmo Perez. O chefe da Tesouraria pediu para que todos ficassem no banheiro e das 30 pessoas presentes, não conseguiu apenas impedir um homem de se jogar do prédio. Ficaram ali por 40 minutos, até que os bombeiros fizessem o resgate pela janela. A copeira ainda não tinha notícias do marido, havia perdido seus documento e chave de casa, "não sabia o que fazer e nem para onde ir" (INTERVENÇÃO..., 1974, p.5). Esse é um dos casos em que o jornal mistura personalização e dramaticidade, pois além de contar uma história individual, permite ao leitor perceber a desorientação de quem foi atingido pelo fogo.

Em "Sangue: dez mil atenderam ao apelo", a informação de que pelo menos 10 mil pessoas compareceram para doar sangue é fornecida pela polícia, a primeira de fonte oficial ao longo do primeiro dia de cobertura. No mesmo texto o policial Egidio, do Controle do CEPOL foi considerado como fonte oficiosa, porque, apesar de ligado a uma instituição, ele conta algumas passagens da tragédia, além de que todo o dispositivo policial da capital foi à rua. Mas, no parágrafo seguinte é dada a informação do porta-voz da Polícia Militar, de acordo com quem não havia condições de informar naquele momento quantos homens fardados participavam da operação. Portanto, esse segundo foi considerado fonte oficial.

"O capitão Idalecio" narra a ação desse integrante do Corpo de Bombeiros, que pendurado em uma corda presa em helicóptero da FAB, conversou com pessoas isoladas em uma parte do edifício. Ele foi também considerado uma fonte oficiosa, pois ligado à corporação, não fala por ela. Ele contou ao jornal que as pessoas estavam calmas e não foi possível regatá-las porque a corda só aguentava o peso de duas pessoas por vez, havia pessoas em outro andar tentando pegar a corda para se salvar, além de o calor deixar o helicóptero instável. O capitão conta ainda ter visto muita gente morta próximo às janelas.

A página seis do jornal é ocupada em maior parte pela notícia "Desespero, à procura dos parentes", com destaque para as imagens do resgate. Aqui, novamente, recebe atenção a percepção do repórter diante do que se passava no local da tragédia, narrando as reações das pessoas em relação às notícias. Além da presença do rádio, que levou Maria de Oliveira Dias ao local, ela não havia ido trabalhar por acaso naquela manhã, mas soube do ocorrido pelo rádio. O aparelho também é foco de atenção dos presentes no local em busca de informações.

A confusão no local fica clara em um dos parágrafos:

No mesmo momento, alguém abraçava Dirceu Jerônimo. Emocionado o jovem contou que já havia saído do prédio, quando o fogo começou. Ida Pássaros, funcionária da Crefisul, era procurada por amigos desesperados: diziam que também havia se atirado do alto, mas ela estava sã e salva, em casa. O alívio sentido, diante da boa nova, soltou a emoção das companheiras que, chorando fortemente, rendiam graças a Deus. (DESEPERO..., 1974, p. 6)

O jornal cita o nome das pessoas procuradas e quem busca por elas, parentes, amigos e vizinhos. Sobre alguns há notícias ainda não confirmadas.

"Capitão Caldas, herói do dia" narra as ações do capitão do Corpo de Bombeiros, Helio Barbosa Caldas, que se dirigiu ao local do incêndio antes mesmo de começar seu horário de trabalho, o jornalista faz a descrição do homem de camiseta vermelha, calça Lee, um capacete e uma máscara. Relata seus atos para auxiliar as ações de salvamento, além de apresentar falas do capitão.

É apresentado também o relato de um funcionário do edifício sobre como era a situação no topo do edifício em "Por favor, avisem meus pais". "Carpets e madeira" usa relatos de funcionários da Crefisul, para explicar o rápido alastramento do fogo: "as instalações da empresa no Edifício Joelma, que ocupavam do 11º ao 25º andar, eram totalmente acarpetadas e divididas com chapas de fibra de madeira,

o que facilitou muito a propagação do fogo." (CARPETES..., 1974, p. 6). Os funcionários informaram ainda que 1300 pessoas trabalhavam na Crefisul. "O prédio está rachado" faz novamente uma descrição do cenário em frente ao prédio, fala sobre a rachadura no edifício, dos esforços de bombeiros e policiais no resgate e segurança das pessoas e narra a situação de vítimas ainda ilhadas.

A próxima página de cobertura inicia com o título "Mas a caixa forte resistiu", que traz informações relevantes para os que são clientes no banco. A caixa forte da instituição, onde estava a maior parte dos documentos, ficava localizada no subsolo do edifício e não foi afetada. Os atendimentos continuariam sendo realizados, só não se sabia ainda em que local. A notícia fornece ainda outras informações sobre o grupo Crefisul, que ocupava completamente o prédio, mas contava também com agências em outros três endereços. O banco era "um dos mais poderosos grupos financeiros do Rio Grande do Sul" (MAS..., 1974, p. 7), onde ficava a sede. O jornal ainda informa as operações do banco ligado ao jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, além de ter como sócios dois bancos Norte-Americanos. A Folha de S. Paulo, descreve o posicionamento do banco em diversos setores, o que destaca a relevância da instituição, que era, por exemplo, o maior repassador de recursos da Agência Especial de Financiamento para Aquisição Especial de Financiamento para a Aquisição de Máquinas e Equipamentos.

Essas informações destacadas pelo jornal podem ser inclusas no valor-notícia de amplificação e relevância ao mostrar quantas pessoas são atendidas pelo banco e, portanto, podem ser afetadas por eventuais problemas, além de indicar a quais outras instituições ele está ligado, portanto sua importância enquanto empresa. Ao mesmo tempo é possível identificar a consonância pois fala do volume e posicionamento da empresa no ranking de financiamentos além de indicar um programa no qual atuava. Assim, mesmo o leitor que não conhecesse a Crefisul poderia conhecer outra instituição ligada a ela ou reconhecer sua relevância no mercado. Ao final o jornal identifica a diretoria e ressalta que o secretário geral do Ministério de Planejamento, Henrique Flanzer, a época do acontecimento, havia sido diretor do Crefisul antes de assumir o cargo.

"Fatalidade e Imprevidência" chama a atenção de que providências em relação a prevenção de incêndios e segurança nos edifícios haviam sido anunciadas. No entanto a tragédia já observada no Andraus se repetiu. "Recurso, há falta decisão" é o primeiro texto assinado, entre os analisados. Ele traz o nome de

Joelmir Beting, logo abaixo do título. Mais opinativo, fala do rápido crescimento da cidade e da falta de segurança. O autor considera que há tecnologia disponível para o combate de incêndio, mas pouco interesse no uso. Destaca ainda que poucos edifícios fazem o treino de abandono em caso de sinistro. Esses questionamentos não são vistos na cobertura no Andraus, nem há texto opinativo naquele primeiro dia de cobertura.

"O primeiro resgatado pelo helicóptero do Exército", apresenta o relato da vítima citada no título, falando das pessoas que viu se jogarem pelas janelas e descreve a situação como um inferno. Depois há o que parece ser a narração do que o repórter viu, o que traz mais dramaticidade ao texto: "também foi às 9h30 que começaram a despencar do prédio as primeiras vítimas fatais. De início, quatro. Depois, seis, depois ainda mais dois. Um deles, a cabeça separou-se do corpo. Foi o espetáculo horrível" (O PRIMEIRO..., 1974, p. 7)

Enquanto na cobertura do incêndio no Edifício Andraus o prefeito foi citado diversas vezes, na cobertura do incêndio no Joelma, o prefeito aparece pela primeira vez nessa notícia. Ele declara que é difícil fiscalizar todas as construções da cidade devido ao grande número de edificações. O prefeito volta a citar o Novo Código de Obras, já abordado no último incêndio. O prefeito chama atenção para a necessidade de o próprio cidadão estar atento às normas de segurança e não depender apenas da fiscalização das autoridades. A notícia informa ainda sobre um momento em que faltou água, embora tenha chegado mais, logo depois, o prédio já havia sido quase totalmente destruído. Outra dificuldade encontrada, foi que as escadas Magirus não atingiam os locais necessários. Outro destaque é a falta de heliporto, que poderia ter auxiliado no resgate de vítimas.

O jornal ainda narra a ação de um dos bombeiros, aqui é possível perceber pela segunda vez o uso da palavra herói para descrever a ação de um oficial.

O cabo Joel Leite, da 4ª Cia. de Bombeiros da Capital, foi um dos heróis no salvamento das vítimas. Arranjou uma escada e subindo pela Magirus, colocou-se defronte de uma área do prédio, no 17º andar, e conseguindo equilibrar-se com as maiores dificuldades salvou a vida de uma mulher. Não satisfeito, retornou ao local e em menos de dois minutos retirava dali um homem que estava prestes a se atirar. "Nessa hora não se mede sacrifícios. É preciso fazer tudo. A vida humana é a maior condição que temos", disse o cabo. (O PRIMEIRO..., 1974, p. 7)

Ao final da edição há a lista da equipe de cobertura com redatores e fotógrafos. A última página desse primeiro dia de cobertura informa: "Até às 14h: 54

mortos". Nessa página há a lista com nove nomes de pessoas que morreram. Também é apresentada lista oficial com 83 feridos atendidos e o local de atendimento, até as 13 horas. Por último, o jornal lista o nome de pessoas salvas.

5.3 BOATE KISS

O próximo incêndio a ser analisado é o da boate Kiss, em Santa Maria no Rio Grande do Sul, ocorrido em 2013. As diferenças dessa cobertura são grandes devido inclusive à distância temporal que alterou não apenas a forma de produção dos textos, como também as condições técnicas de produção do jornal. Além da qualidade das imagens, mesmo as registradas à noite têm maior qualidade, há também o uso de gráficos. Já na capa do jornal, sobre a fotografia do local do incêndio há um pequeno mapa com a localização de Santa Maria em relação a Porto Alegre, no mapa do Estado. Abaixo, atendendo ao valor-notícia de consonância, há a lista dos maiores incêndios: Gran Circus, Niterói (RJ), com 503 mortos, ocorrido em 1961; Boate Kiss, com 231 mortes; e o Edifício Joelma, com 188 mortes.

A manchete do jornal continua a contextualização: "Pior incêndio do país em 50 anos mata 231 em casa noturna no RS". Assim como a notícia ajuda a dimensionar o acontecimento, logo abaixo do título informações separadas em itens ajudam a compreender o fato: maioria foi asfixiada por fumaça; licenças estavam vencidas e extintor falhou; banheiro tinha corpos amontoados; e Dilma Rousseff (presidente na época) voltou do Chile e chorou com familiares. Todos os textos da capa fazem referência a páginas do jornal. Assim, serão analisados adiante.

Enquanto que nos outros incêndios a cobertura foi realizada a partir do momento em que aconteceram, com os jornalistas presentes no desenvolvimento do fato, a cobertura do ocorrido na Boate Kiss aparece no jornal de segunda-feira, dia 28 de janeiro de 2013, sendo que o fogo começou na madrugada de domingo. Portanto há maior distância temporal entre acontecimento e fechamento do jornal. Outro fator relevante é que a cobertura contou com uma colaboração do local e enviados especiais. Esse deslocamento para o Rio Grande do Sul leva maior tempo do que a necessidade de cobertura dentro da própria cidade. Os outros incêndios estavam localizados em São Paulo, onde fica o jornal, e começaram durante o dia. Assim, embora a Folha de S. Paulo mostre imagens do momento do incêndio nas

três coberturas, na destinada à *Boate Kiss* tem ênfase as consequências do incêndio e as medidas tomadas na sequência.

A primeira folha de cobertura "tragédia no Sul 231 mortos" começa com a contextualização do fato: "no mais letal incêndio no Brasil em 50 anos, ao menos 231 pessoas morreram e mais de cem ficaram feridas na madrugada de ontem, em Santa Maria (RS)" (TRAGÉDIA..., 2013, p. C1). O jornal identifica que a cidade fica a 323 km de Porto Alegre, 106 jovens ainda estavam internados, três ginásios eram utilizados para reconhecimento dos corpos e as pessoas percorriam a cidade em busca dos conhecidos e familiares. A maioria das vítimas eram universitários que participavam de uma festa na boate. A dramatização fica evidente no segundo parágrafo da notícia, deixando a explicação apenas para o terceiro parágrafo.

Muitos foram encontrados nos banheiros, onde tentavam fugir do fogo. Bombeiros e sobreviventes quebraram a fachada da boate a marretadas para retirar as pessoas. Celulares tocavam nos bolsos das vítimas enquanto elas eram resgatadas. Os corpos foram transportados em caminhões. (TRAGÉDIA..., 2013, p. C1)

Essas informações ajudam o leitor a ter dimensão do acontecimento. O fogo teve início na espuma de isolamento acústico, a suspeita era de que foi devido ao uso de um tipo de sinalizador por um dos integrantes da banda. A fumaça produzida pelo incêndio era tóxica e a causa da maior parte das mortes. Os fatores agravantes são apresentados ainda nesse terceiro parágrafo, segundo o guitarrista da banda o extintor de incêndio não funcionou e de acordo com sobreviventes, os seguranças impediram a saída, a princípio, por não terem percebido que se tratava de um incêndio.

Outra diferença nessa cobertura é a questão legal. O jornal relata que, no domingo, ao menos um dos donos da boate e integrantes da banda foram ouvidos pela polícia. A casa noturna tinha capacidade para mil pessoas e estava com o aval do Corpo de Bombeiros e o alvará de funcionamento vencidos. Enquanto nos outros incêndios havia declarações de gerentes das empresas que funcionavam no prédio e até do construtor do edifício, no caso do Andraus, o jornal informa que a boate não havia se manifestado oficialmente até a conclusão da edição. Embora, mais adiante apresente nota divulgada pela administração e publicada pelo site do jornal *Zero Hora*.

Essa primeira página de cobertura é finalizada com mais contextualização do fato, com valores de amplificação, relevância e consonância:

O incêndio mais letal no Brasil ocorreu no Gran Circus Norteamericano, em 1961, e deixou 503 mortos em Niterói (RJ). A presidente Dilma Rousseff, que cancelou sua agenda no Chile para voltar ao país, chorou ao se encontrar com famílias das vítimas. O governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT), afirmou que o Brasil todo está de luto. (TRAGÉDIA..., 2013, p. C1)

A segunda página de cobertura foi inteiramente dedicada ao uso de infográfico para explicar a estrutura da boate, a tentativa de fuga e de que forma a fumaça tóxica causou a morte dos envolvidos. A terceira página de cobertura apresenta o título "Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura demora para liberar saída". Outra diferença em relação às coberturas anteriores está no rodapé da página com a informação "acompanhe a cobertura em tempo real e vídeos no site da Folha". Os textos são assinados por repórteres diferentes, enquanto nos incêndios anteriores, apenas um tinha assinatura.

Algo comum em todas as coberturas de incêndio analisadas é que algumas informações se repetem ao longo do dia. Isso pode ser percebido também em "Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura demora para liberar saída". A notícia começa com a retomada do número de mortos e a distância da cidade em relação à capital do estado. É feito o detalhamento da localização dos feridos, 92 internados em Santa Maria e 14 em Porto Alegre.

Com base em relatos de sobreviventes e informações fornecidas pela polícia, é retomado o que aconteceu na madrugada. Por volta das 2h30 o fogo começou, após um dos integrantes da banda utilizar um sinalizador, que teria provocado fogo no teto da boate, com revestimento de espuma. Um integrante da banda e um segurança da casa noturna tentaram conter o incêndio, mas o extintor não funcionou. O local tinha capacidade para mil pessoas e naquela noite havia entre 600 e mil. O local era ponto de encontro de estudantes universitários. Além da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) o município abrigava também instituições de ensino superior privadas. O jornal informa que a UFSM divulgou que entre os mortos havia ao menos 101 estudantes da instituição.

O jornal parece buscar o equilíbrio, ao mesmo tempo em que apresenta informações de testemunhas de que houve tumulto e correria, de que se dirigiram à porta mas foram barradas por instantes; apresenta também o relato de um

segurança que estava no fundo da boate. Ele diz que os colegas seguraram apenas por alguns segundos a saída, até perceberem que se tratava de um incêndio. As informações parecem mais complementares do que opostas e são relevantes para reconstituir o ocorrido.

Nessa terceira página de cobertura é apresentada a informação da legista do Instituto Médico Legal (IML), que foi considerada como oficial. Ela fornece informações que ajudam a compreender o acontecimento. O que não ocorre com parte das fontes oficiais encontradas nas coberturas anteriores. A legista indica que a maior parte das vítimas morreu por asfixia ou intoxicada com a fumaça. Os bombeiros utilizaram marretas para abrir a parede da boate e o fogo só foi controlado no início da manhã. A dramatização mais uma vez aparece, com a informação de que os bombeiros precisaram transpor corpos amontoados para chegar aos fundos da boate em busca de sobreviventes. Outro elemento de dramatização é a informação de que as pessoas desmaiavam nas ruas devido à comoção e ao calor de 35°C. E o toque incessante de celulares nos bolsos dos corpos chegados ao IML causaram comoção entre as pessoas.

A apuração fica explicitada no último parágrafo dessa notícia, onde o jornal informa que a polícia indicou 233 mortes, mas que a legista explicou que havia dois nomes repetidos na lista e, portanto, eram 231.

"Dilma chora e decreta luto oficial de três dias" é uma nota dedicada a narrar a reação da então presidente do Brasil ao receber a notícia e as atitudes tomadas por ela em relação ao acontecimento. A mesma nota fala da ida do governador do Rio Grande do Sul à Santa Maria e de notas publicadas por outros governadores e um senador.

A busca pelos corpos de familiares e amigos, além do de ações da Defesa Civil e do Exército é relatado em "Desesperados, pais percorrem cidade em busca de notícias". O jornal publicou ainda uma lista com o nome das pessoas que estavam no incêndio. Foram publicados dois textos opinativos. Um deles, com o chapéu "Depoimento", é do editor-adjunto de mercado, Álvaro Fagundes, original de Santa Maria. O editor fala sobre a sensação de que nunca vai acontecer com a gente, apesar de já terem ocorrido outros incêndios, inclusive na mesma rua da boate Kiss. O relato de Fagundes é importante para a compreensão de que o local é uma cidade universitária, além da relevância dessas festas para ajudar a financiar a formatura.

Esse depoimento tem ainda relação com questão levantada por Lage (2006) sobre as mortes que acontecem em um ambiente de diversão e quando são muitas mortes de uma vez só. Assim, o acontecimento chama mais atenção do que um volume maior de jovens morrendo todos os anos por motivos diversos. Esse destaque pode ser percebido na passagem a seguir, quando Fagundes se refere a incêndios passados na cidade: "todas essas lições parecem não ter sido aprendidas até a tragédia chegar na vida de jovens que estavam ali para se divertir e/ou financiar a formatura de faculdade." (FAGUNDES, 2013, p. C4).

O segundo texto opinativo recebe o chapéu "Opinião", escrito pelo secretário de redação da sucursal de Brasília, Igor Gielow, fala sobre o incêndio ter acontecido no mesmo dia em que estava marcada a estreia oficial do primeiro estádio novo da Copa de 2014. Gielow chamou a coincidência de datas de "triste e simbólico":

Enquanto o Castelão, em Fortaleza, pretende inaugurar uma nova fase no entretenimento de massa no Brasil, vendendo ao mundo a ideia de que o país tem capacidade organizacional para eventos de grande porte, a realidade mostra sua cara na boate Kiss. (GIELOW, 2013, p. C7).

Ainda é citado o fato de pais de jovens de uma região no Distrito Federal chamada Santa Maria ligarem para a sucursal de Brasília, por pensarem que o incêndio poderia ser lá. O jornalista destaca que o alívio dos pais era seguido da constatação de que poderia acontecer com seus filhos também, porque a insegurança nos estabelecimentos existe em todo o país.

Se o visitante não deverá ter problemas nos nossos novos (e caros, e com supostos superfaturamentos) estádios na Copa, ícones desse Brasil que se mostra moderno, bastará andar alguns quarteirões para conhecer o país dos jovens mortos em Santa Maria. (GIELOW, 2013, p. C7).

Aqui fica claro, também, que os jornalistas vão além do fato, o que Lage (2006) coloca como forma de se afastar do *fait divers*, que para o autor se concentra nas relações internas ao fato, sem reflexões para além dele. Outra notícia, logo ao lado dessa opinião traz a realidade de São Paulo, onde a prefeitura não tem estrutura para licenciar e fiscalizar a segurança de grandes eventos, de acordo com a CPI dos Licenciamentos de 2006. O jornal destaca que as necessidades levantadas pela CPI não foram atendidas, que o prefeito da cidade manifestou pesar pela tragédia, mas não havia divulgado medidas mais rigorosas de fiscalização: "A **Folha** apurou que Haddad já determinou à sua equipe que revise a lei e as normas

de fiscalização e, hoje, pode ser anunciada alguma medida." (SPINELLI, 2013, p. C7). Aqui, além de extrapolar o fato, há o valor-notícia de amplificação, relevância e consonância. Pois, ao mesmo tempo que amplia o acontecimento, ao mostrar que pode ter consequências para outros locais (com a aplicação de fiscalização mais severa), destaca que um incêndio nessas proporções poderia acontecer em outras cidades. Ao falar de possíveis medidas em São Paulo, aproxima o acontecimento de São Paulo dos que moram na cidade de produção do jornal.

A relevância dos relatos fica clara em "'Pessoas pisoteavam pessoas', diz rapaz que conseguiu sair" (BÄCHTOLD, 2013, p. c5), uma vez que essa notícia é inteiramente destinada ao relato de um dos primeiros a conseguir sair da boate, Douglas Lens. O texto é um relato em primeira pessoa. Um quadro anexo fala sobre a possibilidade de os sobreviventes terem pneumonia grave. Traz como fonte o então ministro da Saúde, Alexandre Padilha, que fala da possibilidade de as pessoas não sentirem os efeitos na hora, mas até quatro dias depois passarem a ter sintomas que podem evoluir para pneumonia química grave. Por isso, houve reforço no pronto-atendimento da cidade. Na mesma nota há informação de fonte especialista: "Segundo Humberto Bogossian, pneumologista do hospital Albert Einstein, em uma situação como a que houve na boate, as vítimas ficam expostas a três fases de contaminação que, em conjunto e sem cuidados, podem levar à morte." (SOBREVIVENTES..., 2013, p. c5).

Na mesma página "Casal comemorava empregos; só ela sobreviveu" é inteira dedicada ao relato de uma estudante que perdeu o namorado no incêndio.

Os aspectos legais e as possíveis violações das medidas de segurança ficam por conta da reportagem "Boate não tinha alvará nem aval dos bombeiros". Nessa notícia foram ouvidas apenas autoridades. A informação sobre o depoimento de um dos donos da casa é também fornecida pela polícia, não havendo nenhuma declaração direta dos proprietários. Além de falar da irregularidade dos documentos da boate, o que é importante para compreender a culpabilidade do caso, o jornal traz informações sobre a legislação de prevenção de incêndios, que cabe à prefeitura. Há informações ainda sobre a norma de uso de fogos de artifício, que cabe a Estados e municípios. Por último são fornecidas informações de segurança pessoais em casos de incêndio. Essas informações, ao extrapolar as questões particulares do acontecimento, podem ajudar a aplacar a sensação de impotência e medo, da população que sente estar também vulnerável a essas situações. De todos os

acontecimentos analisados, essa cobertura é a que mais apresenta essa busca por explicações e orientações.

Embora nessa primeira notícia não seja apresentada declaração direta dos donos da boate, a notícia seguinte: "Guitarrista de banda acha difícil que sinalizador tenha causado acidente", é dedicada a declaração do guitarrista Rodrigo Lemos Martins, de que a banda usava sinalizadores com frequência e nunca houve problema. O guitarrista informa que o sinalizador utilizado não queima. O integrante da banda destaca ainda a presença de fios soltos no teto, que podem ter causado o fogo, que só começou uma música após a utilização do sinalizador.

Ainda na mesma página, "Dono diz que tem equipamentos anti-incêndio" é dedicada à declaração da direção da boate Kiss, de que a empresa estava "regular", com todos os equipamentos necessários. Na mesma nota o jornal apresenta declaração da Defesa Civil de que o plano de incêndio da casa estava vencido desde agosto de 2012. A polícia informa que um dos proprietários, que prestou depoimento, confirmou que o alvará estava vencido. O delegado ia investigar porque um novo documento não havia sido fornecido. A última nota da mesma página é o relato de um dos seguranças, que não sabia como ainda estava vivo, pois estava no fundo da boate no momento em que começou o incêndio.

O que pode ser percebido dessa sexta página de cobertura, é que tem destaque as declarações das autoridades, mas o jornal procurou apresentar a versão de todos os envolvidos. Esse destaque dado às autoridades pode estar ligado ao fato de haver diversos órgãos envolvidos: bombeiros, polícia e Defesa Civil. Enquanto ninguém ligado ao estabelecimento falou diretamente com o jornal.

Os problemas de fiscalização continuam sendo apresentados na página seguinte em "Tragédia ocorreu após 'sucessão de erros'", destinada a declarações de especialistas. Aqui, além de complementar a diversidade de visões apresentadas na página anterior, complementa também as informações sobre como agir em casos de incêndio, porque um dos especialistas, Valdir Pignatta e Silva, professor da Poli/USP e especialista em segurança contra incêndios, fala sobre o fato de as pessoas não prestarem atenção aos perigos visíveis no lugar, como a boate ser um lugar com capacidade para mil pessoas e ser totalmente fechada. Aqui é retomada a ideia do prefeito de São Paulo na cobertura do primeiro incêndio analisado, no edifício Andraus, de que brasileiro não acredita em incêndio: "segundo ele [Pignatta e Silva], em outros países do mundo, como na Inglaterra, as pessoas têm na

memória incêndios que ocorreram no século 17." (GERAQUE e SOARES, 2013, p. C7). O professor ressalta que se estivéssemos lá também não nos preocuparíamos. Essa memória destacada por Pignatta e Silva, de incêndios, também pode ser percebida em Yi-Fu Tuan (2005). A necessidade de estarmos atentos aos perigos retoma a declaração do prefeito de São Paulo na cobertura do incêndio no edifício Joelma.

Nessa página o jornal trabalha com a consonância ao apresentar as maiores tragédias brasileiras em ordem decrescente do número de mortos. O edifício Andraus é o último da lista com 16 mortos e 300 feridos. O edifício Joelma está em oitavo lugar com 188 mortos. Mas a lista inclui enchentes, deslizamentos e quedas de aviões. O jornal apresenta também uma lista de incêndios em boates pelo mundo e a repercussão pelo mundo com os títulos de jornais dos Estados Unidos, Argentina e Reino Unido. As duas últimas notícias são o segundo artigo opinativo e a falta de estrutura para fiscalização em São Paulo.

Assim, a partir da ordem de apresentação das notícias é possível perceber que o jornal parte do mais específico para o geral. Começa pelas notícias dos envolvidos no acontecimento, depois fala das investigações e possíveis causas e por último das questões relativas a incêndios, repercussão em outras cidades e países e a contextualização de tragédias no Brasil e de incêndios em boates pelo mundo.

5.4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O prefeito aparece em vários momentos na cobertura do incêndio no Edifício Andraus, enquanto que nas coberturas de 1974 praticamente não aparece. Em 2013 não há declaração do prefeito, mas a então presidente Dilma Rousseff aparece em foto na capa do jornal chorando. Uma das notas é dedicada à reação dela ao saber do ocorrido e são mencionadas outras autoridades que prestam solidariedade, além do governador do Rio Grande do Sul.

As descrições de trânsito afetado ficam muito mais por conta dos primeiros incêndios analisados, o que pode ser justificado pelo próprio horário de ocorrência e tamanho da cidade. No entanto, na cobertura da boate Kiss o jornal fala sobre os ônibus que partiam lotados de voluntários e doações de Porto Alegre para Santa Maria, além de a empresa colocar veículos extras. Informação também ligada à

mobilidade. O público ganha mais destaque nas primeiras coberturas, mas também aparece no último incêndio, mas esse confere mais destaque ao sofrimento daqueles que procuram por conhecidos. Todos trazem relatos de sofrimento e desespero, mas o último confere destaque às questões legais e busca por explicações.

No incêndio da boate Kiss as notícias publicadas parecem seguir mais alinhadas ao título, enquanto que as dos primeiros incêndios uma notícia anuncia no título a alegria dos que foram salvos e começa falando desse assunto, mas acaba relatando o caso de pessoas que se jogaram do prédio e morreram. Essa percepção não tem o objetivo de fazer uma crítica a forma de produção, mas identificar o procedimento adotado.

A dramaticidade pode ser percebida em todos os incêndios de formas diferentes. As duas primeiras coberturas falam das pessoas que se jogam, dão detalhes dos corpos caindo, ou da situação dos sobreviventes. Enquanto a cobertura de 2013 fala do desespero, das pessoas desmaiando nas ruas, traz relato de vítima dizendo que as pessoas eram carregadas como sacos de batatas, mas não traz detalhes sobre as mortes, como um corpo caindo do edifício. Isso pode ter relação não apenas com o afastamento temporal das coberturas e o fato de os jornalistas não terem acompanhado a tentativa de salvamento, mas também com o tipo de incêndio. O último ocorreu em outro espaço, onde as mortes foram, em sua maioria, por asfixia, portanto bem menos visuais. Assim o drama fica mais por conta daqueles que perderam pessoas, estando ou não na boate no momento do incêndio.

Enquanto as duas primeiras coberturas optaram por imagens dos prédios em chamas na capa, a última apresenta a presidente do Brasil chorando, o que não pode ser negado como um apelo às sensações. Enquanto as primeiras duas coberturas entregam um resumo do acontecimento na capa, o jornal de 2013 inclui partes de reportagens com as páginas onde podem ser lidas. De formas particulares, todos os incêndios apresentam versões diferentes de algum aspecto, seja sobre o número de envolvidos ou as causas no incêndio.

Foi ressaltada a questão técnica de produção, devido ao afastamento temporal entre as coberturas, por isso o incêndio na boate Kiss conta com diversos gráficos para explicar a fumaça age no corpo humano, como era a estrutura da boate e a tentativa de fuga, para contextualizar as maiores tragédias no Brasil, incêndios em boates no mundo e a localização de Santa Maria. No entanto, nos dois

primeiros incêndios são utilizados mapas. No primeiro apenas linear, no segundo com prédios em perspectiva. O que demonstra o uso de imagens na tentativa de auxiliar na compreensão do leitor. De acordo com as disponibilidades técnicas, não é possível fazer uma comparação em relação ao uso desses recursos.

Embora a questão legal tenha mais destaque na cobertura de 2013, ela pode ser percebida em todos os incêndios e chama atenção por se apresentar como um problema em todos eles. A princípio com a necessidade de elaboração de regras para as construções, depois com a necessidade e falta de eficiência na fiscalização.

A dramatização tem mais destaque pelo tipo de relato do que pela frequência com que aparece. A descrição dos corpos caindo, da forma como as pessoas morriam, do sangue nas janelas, ou do desespero daqueles que procuravam por parentes tem mais força pelas descrições do que pela frequência com que aparecem, embora sejam constantes ao longo das coberturas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a cobertura jornalística dos principais incêndios ocorridos no Brasil, em número de pessoas atingidas, teve como objetivo identificar o destaque dado aos elementos da análise de conteúdo: fontes, valores-notícia, expressões e relatos diretos, pelo jornal Folha de S. Paulo, na cobertura de tragédias envolvendo fogo. Para isso foram observados os procedimentos de produção adotados pelos jornalistas; comparadas as coberturas; e realizada a análise de conteúdo. A percepção dessas categorias ao longo das coberturas foi um desafio devido a maleabilidade dos critérios adotados. Os elementos se distribuem de forma fluida ao longo do texto e se misturam em diversos momentos.

Portanto, a percepção do uso de fontes foi realizada de acordo com o planejado. Já os outros elementos precisaram contar mais com a análise qualitativa do que com a quantitativa. Assim, não é possível indicar com precisão numérica o que mais chama a atenção dos jornalistas da Folha de S. Paulo, mas sim perceber ao longo das notícias a aparição desses elementos.

Diante dessas questões o problema de pesquisa – quais elementos noticiosos, como tipos de fontes e valores-notícia, recebem mais destaque em matérias que cobrem desastres com fogo? – é melhor respondido em relação ao número de fontes do que em relação aos valores-notícia. Diante da análise qualitativa a indicação de um elemento não seria precisa. Os critérios de noticiabilidade aparecem ao longo das coberturas de forma equilibrada, com ênfase para a dramatização nas primeiras duas reportagens analisadas, sem que o jornal deixasse de apresentar outros elementos.

Diante da imprevisibilidade do início de um incêndio, a opção foi por analisar as fontes jornalísticas. Esse critério permitiu perceber o uso delas para enriquecer as reportagens e verificar dados como indica o manual de redação do jornal Folha de S. Paulo (2010). Durante a interpretação dos dados obtidos foi possível perceber que as fontes contribuíram com informações relevantes para a compreensão dos acidentes, desde quantidade de pessoas afetadas e extensão dos danos até o que se passou dentro das construções atingidas.

O relato direto do jornalista, um dos critérios de análise, permitiu perceber a função, destacada por Pereira Junior (2010), do jornalista como testemunha do que o espectador não pode ver quando narra o que vê durante a cobertura dos fatos. A

apresentação de informações divergentes também evita que o jornal "engane" o público, com a "falsa promessa de uma realidade 'real', pronta, acabada" (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 70). Nessas primeiras coberturas o jornal deixa claro quais informações ainda estão sendo descobertas e apresenta as diferentes versões.

Não foi possível fazer uma distinção clara do uso das fontes na tentativa de reconstituir o acontecimento ou como forma de destaque ao drama, uma vez que esses dois elementos se misturam com grande frequência ao longo do texto. Há relevante volume de relatos testemunhais em especial de vítimas do incêndio, o que já confere destaque ao drama, mesmo quando elas fornecem informações relevantes para a compreensão dos fatos. A dramatização está presente nos relatos, mas também na forma como o jornalista apresenta a testemunha ao descrever seu estado de espírito ou aparência física.

Outros elementos que se misturam ao longo do texto são os relatos pessoais e a tentativa de contextualização, porque as vítimas, em geral, contextualizam o ocorrido a partir do seu ponto de vista. Mesmo as fontes ligadas a instituições como polícia e bombeiros, muitas vezes conferem informações a partir do que puderam ver, uma vez que a cobertura é imediata e as pessoas têm informações ainda parciais.

Ou seja, ao longo da análise houve a percepção de que essas categorias são maleáveis e se misturam ao longo do texto afetadas, em especial, pelo imediatismo. Mesmo a presença de palavras como incêndio ou tragédia nos títulos parece fazer parte do próprio processo de produção, uma vez que é preciso indicar o que aconteceu, não havendo um excesso delas nas chamadas.

A contextualização e a amplificação aparecem de forma clara ao longo das coberturas que procuram mostrar as consequências dos incêndios. Na última cobertura tem destaque a busca pela compreensão dos fatos, mas como já foi mencionado, isso parece muito ligado às disponibilidades técnicas que mudaram com o afastamento temporal.

Pelo imediatismo da cobertura poderia haver uma dedicação maior ao próprio fato e o incêndio poderia ser por si um motivo de medo entre a população, tendo o jornal papel essencial para aplacar ou incentivar essa percepção. A maior parte das coberturas se dedica ao próprio fato, mas procura extrapolar e buscar relações externas. O medo aparece como condição daqueles afetados pelos incêndios, portanto pode ser provocado no leitor por empatia. As pessoas podem se identificar

com os atingidos e sentir que poderiam também ser vítimas, nesse sentido todas as coberturas falam, em algum momento, de medidas a serem tomadas, como o código de obras, por exemplo, para combater esse perigo. Para identificar com maior clareza se as notícias estimulam ou não o medo, seria necessário analisar mais dias de cobertura dos incêndios.

A partir dos critérios de seleção da amostra a ser analisada, acabou ocorrendo um salto temporal entre as coberturas jornalísticas. Essa questão precisou ser levada em consideração no momento da interpretação dos dados obtidos, porque essa diferença de tempo provoca mudanças no processo de produção, especialmente por questões técnicas com o avanço da tecnologia.

Um próximo passo possível para a pesquisa é analisar o uso das imagens nas coberturas, ou incêndios em patrimônios históricos e culturais, uma vez que diversos ocorreram mais recentemente, entre eles o incêndio no Museu da Língua Portuguesa (2015), em São Paulo, e o no Museu Nacional do Rio de Janeiro (2018), no Rio de Janeiro, causando grande perda cultural, histórica e científica para o país.

REFERÊNCIAS

A EXTRAORDINARIA façanha do salvamento. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, Folha Ilustrada, 25 fevereiro 1972.

A INCONTIDA emoção de ser salva da morte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 8, 25 fevereiro 1972.

A MORTE vista pela teleobjetiva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 3, 1º fevereiro 1974.

A SALVAÇÃO veio dos céus. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 1, 25 fevereiro 1972.

AS EMPRESAS do prédio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

ANDRAUS: a ultima recordação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 1, 1º fevereiro 1974.

ATÉ ÀS 14H: 54 mortos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 8, 1º fevereiro 1974.

AUGÉ, Marc. Contra o medo – entrevista com Marc Augé. Concedida a **Fabio Gambaro**. Jornal **La Repubblica**, 28-01-2013(a). Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517266-contra-o-medo-entrevista-com-marc-auge>>. Acesso em 16 set. 2016.

BÄCHTOLD, Felipe. 'Pessoas pisoteavam pessoas', diz rapaz que conseguiu sair. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C5, 28 janeiro 2013.

BÄCHTOLD, Felipe; SOARES, Marcelo; TUROLLO JR. Reynaldo; GUTERRES, Melina. Boate não tinha alvará nem aval dos bombeiros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C6, 28 janeiro 2013.

BÄCHTOLD, Felipe; SOARES, Marcelo; TUROLLO JR. Reynaldo; GUTERRES, Melina. Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura demora para liberar saída. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C3, 28 janeiro 2013.

BÄCHTOLD, Felipe; SOARES, Marcelo; TUROLLO JR. Reynaldo; GUTERRES, Melina. Desesperados, pais percorrem cidade em busca de notícias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C4, 28 janeiro 2013.

BÄCHTOLD, Felipe; SOARES, Marcelo; TUROLLO JR. Reynaldo; GUTERRES, Melina. Guitarrista de banda acha difícil que sinalizador tenha causado acidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C6, 28 janeiro 2013.

BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BREED, Warren. Controle social na redação. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Florianópolis: Insular, 2016.

CHAGAS, Mario. Entre mortos e feridos: A construção do discurso preservacionista em dois intelectuais do patrimônio. **Revista de Artes Visuais**. Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 87-99, nov. 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/download/27558/16104>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

CARPETES e madeira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 6, 1º fevereiro 1974.

COMANDO dos bombeiros no incendio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 11, 25 fevereiro 1972.

DE NOVO, e muito pior. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 1, 1º fevereiro 1974.

DE REPENTE, o fogo e pessoas gritando. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DESESPERO, à procura dos parentes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 6, 1º fevereiro 1974.

DONO diz que tem equipamentos anti-incêndio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C6, 28 janeiro 2013.

DRAMA na 9 de Julho, nº 225. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 2, 1º fevereiro 1974.

EM MENOS de 2hs. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

ENGARRAFAMENTO foi total. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 10, 25 fevereiro 1972.

FAGUNDES, Álvaro. Alerta de notícias da CNN parece que nunca vai bater à porta de casa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C4, 28 janeiro 2013.

FATALIDADE ou imprevidência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 7, 1º fevereiro 1974.

FERRAZ: mais rigor para evitar incêndios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 10, 25 fevereiro 1972.

G1. Do Edifício Joelma a Boate Kiss: veja os incêndios que abalaram o país. **G1**. São Paulo. 1º maio 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/do-edificio-joelma-a-boate-kiss-veja-os-incendios-que-abalaram-o-pais.ghtml>>. Acesso em: 2 out. 2018.

FISCAIS contra incêndio fecham teatros e clubes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.607, p. 1, 9 março 1972.

GERAQUE, Eduardo; SOARES, Pedro. Tragédia ocorreu após 'sucessão de erros'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

GIELOW, Igor. Triste e simbólico: abertura de novo estádio e tragédia no mesmo dia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

GRANDES tragédias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

HELIPORTO reduz tragedia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 11, 25 fevereiro 1972.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudio; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ILHARCO, Fernando. A catarse do fogo: a simbologia do fogo nos ecrãs da televisão. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n.º 5, 2008, p. 139-153. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10403/1/05_07_Fernando_Ilharco.pdf>. Acesso em: 28/09/2018.

INCENDIO comove povo nas ruas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 7, 25 fevereiro 1972.

INCÊNDIOS em boates pelo mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

INTERVENÇÃO decisiva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

INVESTIGAÇÃO em escolas e clubes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

IVC - Instituto Verificador de Comunicação. Jornal média anual - 2014. In: **Meio&Mensagem**. Disponível em: <<http://portfoliomidia.meioemensagem.com.br/?p=121>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

"JOGUEM lençóis!" - gritavam policiais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 2, 1º fevereiro 1974.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAGE, Leandro. Jornalismo e o dever de memória. **Anais 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/jornalismo-e-o-dever-de-memoria>>. Acesso em: 26/09/2018.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAS a caixa forte resistiu. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 7, 1º fevereiro 1974.

McQUAIL, Denis. **Teorias da Comunicação de Massa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

NA PRAÇA, a alegria dos que escaparam. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 9, 25 fevereiro 1972.

NÃO se sabe quantos morreram. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 10, 25 fevereiro 1972.

'NÃO sei como estou vivo' diz segurança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C6, 28 janeiro 2013.

NERY, Natuza. Dilma chora e decreta luto oficial de três dias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C3, 28 janeiro 2013.

NO TRANSITO conturbado, excepcionalmente não se ouviam as buzinas. A cidade sentiu a tragédia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

O CAPITÃO Indalecio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

O CAPITÃO Caldas, herói do dia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 6, 1º fevereiro 1974.

O DIA mais trágico da cidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 6, 25 fevereiro 1972.

O MAIOR de todos os tempos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 6, 25 fevereiro 1972.

O PÂNICO veio logo no início do fogo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 11, 25 fevereiro 1972.

O PREDIO está rachado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 6, 1º fevereiro 1974.

O PRIMEIRO resgatado pelo helicóptero do Exército. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 7, 1º fevereiro 1974.

OS GRITOS de socorro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINTO, Graziela R. S. Costa; DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Medo**. São Paulo, SP: Ediouro Duettto Editorial, 2010.

PIOR incêndio do país em 50 anos mata 231 em casa noturna no RS. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. 1, 28 janeiro 2013.

PREFEITO ordena a vistoria de todos os prédios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.311, p. 1, 14 fevereiro 1974.

PREVIDELLI, Amanda. Os maiores incêndios do Brasil antes de Santa Maria. **Exame**. 29 jan. 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-maiores-incendios-no-brasil/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

PRONTO socorro em banco. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

"POR FAVOR, avisem meus pais". **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 6, 1º fevereiro 1974.

QUEM estava no incêndio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C4 e C5, 28 janeiro 2013.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RECURSO, há falta de decisão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 7, 1º fevereiro 1974.

RELAÇÃO dos feridos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

REPERCUSSÃO pelo mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

ROBERTO Andraus, o construtor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 7, 25 fevereiro 1972.

SAIBA como foi o incêndio em Santa Maria. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C2, 28 janeiro 2013.

SANGUE: dez mil atenderam ao apelo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEGURANÇA fica sob prontidão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 11, 25 fevereiro 1972.

SOBRECARGA elétrica: as mesmas causas do Andraus. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 16.298, p. 5, 1º fevereiro 1974.

SOBREVIVENTES podem ter pneumonia grave. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C5, 28 janeiro 2013.

SPINELLI, Evandro. Em São Paulo, prefeitura não tem estrutura para fiscalizar eventos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C7, 28 janeiro 2013.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 51-61.

TRAGÉDIA no sul 231 mortos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C1, 28 janeiro 2013.

TRANSPORTE dos feridos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 51, n. 15.594, p. 12, 25 fevereiro 1972.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo**, porque as notícias são como são. 3.ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Florianópolis: Insular, 2016.

TUROLLO JR., Reynaldo. Casal comemorava empregos; só ela sobreviveu. **Folha de S. Paulo**, São Paulo/Distrito Federal, ano 92, n. 30.616, p. C5, 28 janeiro 2013.

VIZEU, Alfredo. O jornalismo e as “teorias intermediárias”: Cultura profissional, rotinas de trabalho, estrangulamentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso. **Bocc – biblioteca on-line de ciências da comunicação**, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/vizeu-alfredo-jornalismo-teorias-intermediarias.pdf>>. Acesso em: 9 nov 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.